

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação de Mestrado

Oryx e Crake:

a naturalização dos espaços distópicos pelo capitalismo

Carim Luciane da Silva Rodrigues

Pelotas, 2020

Carim Luciane da Silva Rodrigues

Oryx e Crake:

a naturalização dos espaços distópicos pelo capitalismo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R696o Rodrigues, Carim Luciane da Silva

Oryx e Crake : a naturalização dos espaços distópicos
pelo capitalismo / Carim Luciane da Silva Rodrigues ;
Eduardo Marks de Marques, orientador. — Pelotas, 2020.
93 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2020.

1. Distopia. 2. Sistema. 3. Capitalismo. 4.
Neoliberalismo. 5. Espaços. I. Marques, Eduardo Marks de,
orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

Carim Luciane da Silva Rodrigues

“Oryx e Crake: a naturalização dos espaços distópicos pelo capitalismo”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 17 de dezembro de 2020

Banca examinadora:



Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques
Orientador/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. Alfeu SpareMBERGER
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Quero agradecer a minha mãe, meu marido e minhas filhas que sempre estiveram comigo, sei que posso contar com vocês sempre. A minha mãe, Zeneida, que é a minha parceira de toda vida, a pessoa que passou por muitas dificuldades comigo sem nunca perder a ternura, estamos sempre juntas! Meu marido, Marcelo, por ser a pessoa que sempre acha que eu posso tudo, até quando nem eu mesma acredito. Minhas filhas, Tamires e Marcelle, amores da mãe, tudo que faço tem um pouco de vocês, pois as levo no coração. Amo muito vocês!

Agradeço ao meu orientador, professor Eduardo Marks de Marques, por todo apoio durante a realização do trabalho. Tenho certeza que sem o seu suporte, muitas vezes até emocional, o processo, em um ano tão atípico, teria sido muito mais desgastante.

Agradeço aos amigos inestimáveis que fiz ao longo desta jornada. A amiga Isabela Brito Oliveira, pela ajuda com a formatação do trabalho; aos amigos Luciane Sinott e Wendel Buchweitz, pelos momentos compartilhados.

Vocês fazem parte dessa história!

Obrigada!

Resumo

RODRIGUES, Carim Luciane da Silva. **Oryx e Crake**: a naturalização dos espaços distópicos pelo capitalismo. Orientador: Eduardo Marks de Marques. 2020. 91 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Este trabalho analisa a representação do sistema capitalista, na sua configuração mais contemporânea, que é o neoliberalismo, na obra de Margaret Atwood, *Oryx e Crake*. Nessa obra, o mundo que é representado traz uma realidade distópica, que é reconhecida como uma distopia capitalista, uma vez que os espaços fabricados pela sociedade narrada na ficção, são espaços em que o neoliberalismo foi implementado ao extremo. O espaço representado é um espaço de segregação, onde muralhas são a distopia dos que não podem entrar e daqueles que não podem sair, ao mesmo tempo que são a utopia daqueles que ou querem manter os outros do lado de fora, ou querem obrigar aqueles que desejam sair a permanecerem dentro. A implementação extrema do neoliberalismo pode ser verificada pela forma como nada escapa do controle de um sistema que é global, nem fugir de uma ordem estabelecida para manter a reprodução do sistema em questão, além do fato de que essa ordem ser vista como natural e inexorável, não permitindo possibilidades de superação, nem quando o mundo representado é destruído.

Palavras-chave: Distopia. Sistema. Capitalismo. Neoliberalismo. Espaços.

Abstract

RODRIGUES, Carim Luciane da Silva. **Oryx and Crake**: the naturalisation of dystopic spaces in capitalism. Advisor: Eduardo Marks de Marques. 2020. 91 p. Dissertation (Master's Degree in Letras) –, programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

This work analyses the representation of capitalist system, in its more recent version, which is neoliberalism, in Margaret Atwood's book *Oryx and Crake*. In this work the represented world brings a dystopic reality, which is recognized as a capitalist dystopia, since the spaces produced in the narrated society in the fiction are spaces in which neoliberalism was widely implemented. The represented space is one of segregation, where walls are the dystopia of the group who can not get in or can not get out. At the same time, they are the utopia of the group who want to keep others out or force others to stay in. This neoliberalism implementation can be verified by the way nothing escapes the control of a system which is global, or escape an established order in order to maintain the reproduction of system under discussion, as well as the fact of this order to be viewed as natural and inexorable, not allowing overcoming possibilities, even when this represented world is destroyed.

Keywords: Dystopia. System. Capitalism. Neoliberalism. Spaces.

Sumário

1. Introdução	9
2. Referencial teórico.....	13
2.1 Capitalismo	13
2.2 Neoliberalismo	20
2.3 Utopia e Distopia	34
3. Os espaços neoliberais em Oryx e Crake	43
3.1 Complexos.....	52
3.2 Plebelândia e periferia	69
3.3 Espaço pós-apocalíptico	76
4. Considerações finais.....	87
Referências bibliográficas	92

1. Introdução

O início do mestrado, que deu origem a esta pesquisa, coincidiu com um grande sentimento de distopia desencadeado pelas últimas eleições presidenciais e a difícil compreensão do que estava acontecendo no cenário político do país. Como explicar a volta de discursos conservadores e excludentes que se acreditava estarem superados? E como era possível que uma grande parcela da população partilhava de um sentimento de utopia diante de tais discursos? O que poderia justificar tamanha polarização que dividia o país e até mesmo famílias? Devido em grande parte ao contexto histórico pela qual se passava, trabalhar com distopia foi uma necessidade pessoal. Esse trabalho acabou se baseando nos processos de vida reais e na historicidade desses processos. Ele foi se constituindo a partir das necessidades que se apresentavam, e durante muito tempo do percurso, parecia que não se sabia muito bem onde se iria chegar. A começar pela obra escolhida, que não havia sido lida, e mesmo após a sua primeira leitura parecia um desafio falar sobre ela, pois apesar de se poder fazer algumas relações com a forma neoliberal que o sistema capitalista assumiu, o mundo representado na obra parecia muito além da realidade, não parecendo uma representação possível. Ao longo do processo, foi se percebendo que a obra apresentada pelo orientador era aquela que permitiria a compreensão daquilo que se buscava, ou seja, *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood, é uma representação distópica do sistema capitalista. O que faltava era compreender o funcionamento de um sistema que na sua última configuração se retroalimenta pela subtração de recursos que se esterilizam no próprio sistema.

Para entender o estado atual do sistema capitalista, seria necessário entender a sua gênese, e o referencial teórico escolhido precisaria dar o suporte necessário para que isso acontecesse. A primeira seção do referencial teórico é sobre a consolidação do capitalismo. Ao ler *A era do capital*, de Eric Hobsbawm (1982), percebeu-se algo que foi determinante para o sucesso do modelo de produção capitalista, a tecnologia, que ao se tornar compatível com os meios de produção, expande o espaço geográfico do sistema. A mesma tecnologia que segundo Fredric Jameson (1997) media a percepção que os sujeitos têm da realidade. É a partir desses dois autores que no referencial teórico se pôde fazer

uma relação entre capitalismo, tecnologia e distopia, uma vez que Gregory Claeys (2017) não cita como exemplo de distopia o capitalismo, e sim, somente os ditos regimes totalitários.

A segunda seção do referencial teórico trata da forma como o capitalismo se desenvolveu na segunda metade do século XX a partir das teorias neoliberais e da ideologia neoliberal. Discorre sobre como essas teorias e ideologias não só foram decisivas para a restauração de um poder de classe que havia sido diminuído com o pacto social estabelecido no pós segunda guerra (HARVEY, 2003), mas também entraram para o senso comum de forma que se chegou a anunciar o fim da história (FUKUYAMA, 1992), pois havia se chegado ao ápice civilizatório da humanidade.

O resultado disso é que o sistema capitalista encontra-se plenamente consolidado, e ao contrário das expectativas iniciais, persiste a dialética desenvolvimento-subdesenvolvimento, liberdade-escravidão, entre outras. Porém, agora, diferente do seu início, não se busca mais um pensamento que seja crítico em relação as falhas do sistema, e uma necessidade de superá-lo, pois essas questões são entendidas como naturais, e advindas não de uma impossibilidade do sistema em resolvê-las, e sim, de uma “crença” de que a solução para os problemas que o sistema cria é aprofundar o próprio sistema.

Para que se chegasse a isso, foram necessárias décadas de construção de uma ideologia que se esforça em não deixar brechas para que se possibilite uma nova ordem de sistema político-econômico diferente da que passou a ser considerada como a ordem natural das coisas. Além disso, essa ideologia encontrou o meio tecnológico propiciado pelo próprio capitalismo para garantir a sua materialização em todos os espaços.

A terceira seção do referencial teórico relaciona utopia e distopia na narrativa de Aldous Huxley (2014), *Admirável Mundo Novo*, e como algo que é uma utopia no capitalismo, como é o caso do pleno emprego, só pode se concretizar nesse sistema na forma de distopia. A narrativa de Huxley está inscrita em um momento histórico de crise do sistema capitalista, em que o mundo que se vê submerso em um sentimento nacionalista extremo, que acaba por dar vazão a regimes totalitários. Não se trata somente de uma distopia tecnológica, é também uma distopia capitalista em que o humano é produzido a

partir do modelo de produção Fordista, que era o modelo de produção capitalista da época, e que ainda coexiste com outros modelos até os dias de hoje.

A análise da obra de Atwood (2018) dividiu-se em três seções, Complexos, Plebelândia e periferia e Espaço pós-apocalíptico. É ao longo dessas seções que se vai relacionando os espaços representados na obra com capitalismo e distopia, a partir da teoria *A produção do espaço* de Henri Lefebvre (1974), em que o espaço social é um produto da sociedade e está relacionado com as suas forças produtivas. Porém percebeu-se que o sistema capitalista neoliberal tornou-se extremamente complexo, algo de difícil compreensão, e que muito do que se pensa que se sabe sobre ele, é sobre um sistema de mercado que hoje é quase inexistente, pois o que se chama hoje de mercado é um resquício do que sobrou do capitalismo das nações, discutido em Eric Hobsbawm (1982). Portanto, agrega-se à discussão a ideia de que o capitalismo se deslocou (DOWBOR, 2020), devido à mudanças nas suas forças produtivas, e à mudança no seu principal fator de produção, que é imaterial. Sendo assim, os espaços representados de forma segregada, a estrutura coercitiva desses espaços, são representações do deslocamento do sistema capitalista neoliberal, que se encaminha para um sistema antidemocrático. Um sistema, cuja ideologia passa a ser internalizada, pois a tecnologia vai além de mediar as representações humanas, ela passa a fazer parte da fisiologia.

Ainda, na seção Espaço pós-apocalíptico, discute-se a não finitude do sistema a partir de um elemento que sobrevive para compor esse espaço e conduzir a nova espécie criada. Como esse elemento a partir de um espaço que não é mais tecnológico começa a criar narrativas mitológicas para fim de exploração, ironicamente, o capitalismo sobrevive, e uma sociedade socialista é inviabilizada.

Tendo em vista a relação entre capitalismo e distopia, estabelecida desde a consolidação do sistema, a forma como o capitalismo sempre foi capaz de fabricar a sua legitimação, a despeito de todas as contradições que lhe são inerentes, são hipóteses deste trabalho, que a distopia como literatura se amplia em *Oryx e Crake*, pois é a representação dos espaços fabricados pelo capitalismo neoliberal; o capitalismo tem como modelo primal a distopia, e sendo o espaço um produto social, os espaços fabricados no capitalismo são

distópicos; a tecnologia medeia a percepção da realidade; a distopia é naturalizada nos espaços fabricados pelo neoliberalismo.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho se deu a partir da leitura da obra *Oryx e Crake* buscando a sua relação com o sistema capitalista na sua configuração atual. Para tanto buscou-se uma concepção histórica do sistema desde sua gênese, seu desenvolvimento e seu estágio mais recente.

Quanto às questões colocadas no primeiro parágrafo dessa introdução, de como seria possível um cenário como o que se está vivendo atualmente, e como é possível que a mesma realidade represente a utopia de uns e a distopia de outros, espera-se que tenham sido respondidas neste trabalho.

Na obra de Margaret Atwood, *Oryx e Crake*, a realidade do sistema atual está representada e mostra o caminho que a humanidade como um todo está tomando. Se o capitalismo já desde a sua constituição se apresenta como distopia, pela forma como foi devastando tudo e todos ao longo de seu percurso, na obra de Atwood, essa distopia é devastadora.

2. Referencial teórico

2.1 Capitalismo

Analisar o capitalismo a partir de uma perspectiva Marxista é pensar nas condições históricas que levaram a consolidação desse sistema sócio-político-econômico. Para a realização dessa tarefa, o recorte de Eric Hobsbawm, em *A era do capital* é o mais relevante, pois assim, pode-se compreender a evolução do sistema, até os dias atuais, e a sua relação com a distopia, sendo que esse é o contexto em que é produzida a literatura contemporânea. O que se pretende, é analisar como a distopia está representada na literatura, tomando por recorte a obra de Margaret Atwood, *Oryx e Crake*.

Para Karl Marx, mesmo as representações ideológicas, fantasmagóricas, são resultados do processo da vida material dos homens (MARX, 1999, p. 21). Portanto, a literatura aqui é compreendida não como algo que tenha uma existência autônoma, mas como resultado das representações humanas “a partir do seu processo de vida real”. É a partir da realidade que constitui os sujeitos, que se pode entender porque o sistema capitalista é representado na literatura contemporânea, com uma recorrência sem precedentes, de forma distópica. Na concepção que se deseja trabalhar, a distopia não é algo desconectado da realidade, ela é a representação da própria realidade dos sujeitos, uma vez que o capitalismo se constitui como uma distopia já desde o início da sua constituição, como se pretende discutir ao longo do trabalho.

Segundo Gregory Claeys (2017), a distopia é um conceito usado como equivalente de literatura distópica, mas isso não significa que ela seja um conceito que exista somente na ficção. O termo pode também definir experiências reais, geralmente relacionadas a caos, ruína e temor. Esse autor aponta três tipos de distopia, a saber: distopia política, distopia ambiental e distopia tecnológica, que podem estar inter-relacionadas. Para esse autor, distopia política se relaciona aos regimes totalitários, que ele define como regimes em que a coerção, a desigualdade, o encarceramento e a escravidão estão presentes (CLAEYS, 2017, p. 5). Aqui se propõe, que a distopia não é proveniente apenas de regimes ditos totalitários, pois, essas características

apontadas pelo autor estão muito presentes no capitalismo. Um exemplo é o fato de que não há como se desvincular coerção de capitalismo, quando se observa os regimes ditatoriais da América Latina, que se desenvolveram fomentadas pelo sistema em discussão. Portanto, a hipótese defendida neste trabalho é de que o capitalismo é um sistema distópico por natureza. É preciso, contudo, salientar algo que Claeys discute ao longo de seu trabalho, e que será relevante para esta discussão, a saber: para esse autor, embora muitas vezes distopia seja considerada o oposto de utopia, existe uma dialética inerente aos dois conceitos; dessa forma, utopia e distopia convivem no mesmo espaço, pois a distopia de determinados segmentos da sociedade equivalem a utopia de outros.

A tecnologia, como se discutirá, é uma aliada de longa data do sistema capitalista, mostrando que desde a constituição do sistema, capitalismo e tecnologia são indissociáveis. Isso não quer dizer que a tecnologia não tenha estado e ainda esteja também a serviço de regimes totalitários. No período de consolidação do sistema capitalista, discutido por Hobsbawm, quando tudo parecia perdido, o desenvolvimento tecnológico se torna compatível com os meios de produção. Tal acontecimento permitiu soluções lucrativas para a acumulação do capital, sem a qual o sistema industrial seria sufocado, pois seria incapaz de empregar a vasta massa desempregada. A oferta abundante de emprego, tanto na Europa, quanto fora dela, não só permitiu aos governos se recompor das revoluções, mas também arrefeceu a onda revolucionária que havia tomado conta do cenário em 1848. Sendo as querelas políticas deixadas no vácuo, as massas revolucionárias tornaram-se letárgicas.

Foi com o desenvolvimento da estrada de ferro e do telégrafo, que a economia capitalista viu seu espaço geográfico expandir-se em transações comerciais que englobavam o mundo inteiro, pela expansão nas exportações de mercadorias, capital e homens. Quem soube tirar proveito disso foi a Inglaterra, que fez com que investidores atingissem lucros extraordinários a partir do capital barato associado ao aumento de preços. O aumento nas taxas de lucro do capital, muito bem aproveitado pelos homens de negócio da época; a oferta abundante de emprego, tanto na Europa, quanto fora dela; a expansão do comércio para aplicar seus excedentes, em investimentos internacionais, associados ao avanço tecnológico, foi fundamental para a expansão do mercado

dos produtos industrializados. Esse conjunto de fatores fez com que o capitalismo tivesse impacto em todas as sociedades do mundo, não importando quão distante essas sociedades estivessem do epicentro do sistema.

Para Fredric Jameson (1997), é o capitalismo, via “acumulação primitiva”, que promove o desenvolvimento tecnológico; e a tecnologia, por sua vez, media a percepção que os sujeitos tem da realidade. Não há como se apreender a produção cultural contemporânea sem levar em conta a lógica do capitalismo tardio. Para esse autor, tal relação é melhor percebida quando se observa os estágios do capitalismo delineados pelo economista Ernest Mandel, desde o surgimento das primeiras máquinas a vapor, passando para as máquinas e motores elétricos, e, por fim, os motores eletrônicos e nucleares na década de 40 do século XX.

Jameson constitui a sua própria periodização cultural dos estágios do realismo, modernismo e pós-modernismo com base nos estágios do capitalismo de Mandel, sendo o pós-modernismo situado no último. Desta forma, valendo-se de uma concepção histórica, analisa as relações do sujeito com a máquina, e como as representações estéticas se alteram dadas as mudanças tecnológicas:

Podemo-nos então referir a nosso próprio período como o da Terceira Idade da Máquina; e é nesse momento que temos que reintroduzir o problema da representação estética, já desenvolvido explicitamente nas análises anteriores de Kant sobre o sublime, uma vez que é simplesmente lógico supor que a relação com a máquina e sua representação altera-se dialeticamente em cada um desses estágios qualitativamente diferentes de desenvolvimento tecnológico. (JAMESON, 1997, p.62)

Com o fenômeno da globalização e da nova tecnologia, cuja velocidade o olho não consegue mais apreender, a materialização das representações estéticas exige uma percepção diferente daquela que se tinha em momentos históricos anteriores. Portanto, as representações humanas estão condicionadas ao desenvolvimento das forças produtivas (MARX, 1999, p. 20), que por sua vez, estão condicionadas ao desenvolvimento tecnológico. De acordo com Jameson, não é que a tecnologia desse estágio do capitalismo defina o sujeito social pós-moderno; mas é que o sistema mundial do capitalismo multinacional mediado pela tecnologia do capitalismo tardio, que agora já não é mais de produção, e

sim de reprodução, deixa os sujeitos em uma espécie de *confusão espacial e global*:

Em vez disso, sugiro que nossas representações imperfeitas de uma imensa rede computadorizada de comunicação são, em si mesmas, apenas uma figuração distorcida de algo ainda mais profundo, a saber, todo o sistema mundial do capitalismo mundial de nossos dias. (JAMESON, 1997, p.63)

Por essas razões, neste trabalho, não se dissocia capitalismo e tecnologia, e conseqüentemente, não se dissocia as representações dos sujeitos desse meio, que é o meio material em que eles estão constituídos. A tecnologia é o que permite ao sistema capitalista se reproduzir, ou ainda, é o meio material pelo qual o capitalismo mantém a sua reprodução. Uma relação simbiótica, pois também se pode pensar o contrário, ou seja, o capitalismo é o que possibilita a alavancagem da tecnologia. Como discutido por Hobsbawn, se a tecnologia não tivesse se tornado compatível com os meios de produção, o sistema teria entrado em colapso.

Retomando-se o conceito de que utopia e distopia coexistem (CLAEYS, 2017), ao se pensar no período apontado por Hobsbawn, como aquele em que o capitalismo se consolida, já se percebe que utopia e distopia não são excludentes, elas convivem no mesmo espaço. O sistema capitalista se constitui como uma distopia já desde muito cedo, pois é nesse período histórico, que o capitalismo oferece aos países avançados a saída para seus problemas políticos, e pode se expandir mundialmente. A expansão permitiu ao projeto de revolução industrial sair vitorioso em relação ao projeto de revolução política. O período anterior foi atravessado pela dualidade dessas duas revoluções, uma vez que, dentro dos projetos de revoluções liberais-burguesas anteriores, a massa proletária se insurgia para fazer florescer revoluções socais.

O sistema já apontava para um cenário distópico para as massas, devido a forma como estava se configurando. O liberalismo econômico teve um papel preponderante para o crescimento sem precedente da época, que apontava para o livre mercado. Os empecilhos institucionais e burocráticos, que de alguma forma pudessem impedir o exercício pleno da liberdade, em busca da obtenção de lucro, não resistiram aos ataques coordenados de forma massiva, já que era

consenso entre políticos, administradores e economistas da época, que a liberalização do comércio era causa ou consequência da expansão econômica.

A liberalização se estendeu às relações de trabalho. Os salários eram mirrados devido ao grande excedente constituído de camponeses, ex-artesãos, entre outros. Ainda que as relações trabalhistas fossem mediadas por sindicatos fortes, que representassem seus associados, essa barganha não ameaçava os lucros dos Capitalistas. É nesse período também que há uma redistribuição de camponeses pelo globo, em grande parte deixando a agricultura. Essa massa migratória de trabalho endividado preenchia o vazio deixado pelo tráfico escravo. Cerca de 9 milhões de pessoas deixaram a Europa nesse período em busca de melhores condições de vida. Com a expansão do sistema, essas pessoas ficaram de fora da constituição dos estados-nação europeus. Foram descartadas como “rejeitos”, pois nos seus lugares de origem, não tinham mais lugar no campo, dando origem a maior migração da História. Segundo Hugo Achugar: “nação é o nome que damos ao lugar, ou ao campo de batalha, onde diferentes nacionalismos (ou seja, projetos de nação) combatem para alcançar a hegemonia” (ACHUGAR, 2006, p. 204). Nessa luta, fica claro que houve perdedores e vencedores; para uns a utopia do lucro, da expansão do capital; para outros a distopia do desterro, das condições precárias de existir.

Por muito tempo acreditou-se que os problemas sociais inerentes ao sistema, seriam uma espécie de “dores do parto”, necessárias para o surgimento de uma nova forma de vida. O pai da economia burguesa, Adam Smith, imortalizou esse pensamento condensando-o em uma frase que ficou famosa e conhecida como a “metáfora da mão invisível”, na qual ele afirmava sua crença na liberalização do mercado como solução para todos os problemas, inclusive os sociais. Passados séculos e várias crises, o sistema, que se encontra em um estágio muito mais avançado, tem não somente aqueles antigos problemas, mas também outros, que foram surgindo ao longo do percurso, e agora estão aprofundados devido ao desenrolar do processo histórico.

A coerção, o aprisionamento, a desigualdade e a escravidão sempre estiveram presentes no sistema capitalista; de uma forma, muitas vezes, não tão explícita quanto aparecem em regimes totalitários, pois sistema encontrou maneiras de fazer com que essas características não fiquem tão evidentes. Segundo Louis Althusser (1980), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do*

Estado, para continuar existindo, uma formação social precisa “reproduzir as condições de produção ao mesmo tempo em que produz” (Althusser, 1980, p. 9). Sendo assim, a “reprodução das condições de produção”, tais como as forças produtivas e as relações de produção existentes, é, em última instância, o que assegura a uma formação social poder produzir, dentro de um determinado modo de produção dominante. É pela sujeição ideológica, pela qual todos os agentes são penetrados, que fica garantida a reprodução da sujeição à ideologia dominante e da prática desta ideologia. Para Marx:

[...] Cada nova classe no poder é obrigada, quanto mais não seja para atingir os seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade, ou exprimindo a coisa no plano das ideias, a dar aos seus pensamentos a forma da universalidade, e representa-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos. [...] (MARX, 1999, p.65)

Os clássicos marxistas convencionaram chamar o Estado de “o aparelho de Estado”, que compreende o Estado em toda a sua dimensão jurídico-política (tribunais, polícia, exército, governo, chefe de estado, administração). Trata-se de um aparelho repressivo, uma vez que está a serviço das classes dominantes contra as classes subalternas. O que distingue o poder de Estado do aparelho de Estado, é basicamente o fato de que, quem tem o poder de Estado constrói o aparelho de Estado de acordo com seus objetivos de classe.

Para Althusser existe uma outra realidade de Estado, situada ao lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas que se distingue dele: o aparelho ideológico do Estado (AIE), composto por instituições que se conformam de forma distinta e especializada. Dentre essas instituições, a saber: o AIE religioso, escolar, familiar, político, sindical, da informação, cultural, em que existe uma unificação, de todas elas, com a ideologia dominante. A principal diferença entre os dois aparelhos, é que, enquanto o aparelho repressivo do Estado funciona de forma predominante pela violência, o aparelho ideológico do Estado funciona de forma predominante pela ideologia. De forma predominante, porque não quer dizer que não exista violência nos AIE, e que não exista ideologia nos Aparelhos repressivos do Estado, prova disso é a ideologia que mantém instituições como polícia e exército.

Segundo o autor, “[a] partir do que sabemos, nenhuma, classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1980, p. 49). O autor apresenta duas teses para discutir a ideologia. A primeira seria que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1980, p. 77). Logo, não se trata da relação real, mas daquilo que os indivíduos imaginam que é real. Para o autor, a essência da sociedade é alienada, o trabalho é alienado, e dessa forma, as condições de existência são alienantes. A segunda seria que “a ideologia tem uma existência material”, pois existe dentro de um aparelho ideológico, como é o caso dos Aparelhos ideológicos do Estado, e tem suas práticas e rituais regulados pelo um aparelho correspondente.

Depreende-se, assim, que toda prática é ideológica, e só existe ideologia pelo sujeito e para o sujeito. A ideologia interpela indivíduos, que ao reconhecerem-se como sendo quem foi interpelado pelo Sujeito único e absoluto da ideologia, tornam-se sujeitos daquela interpelação. Ao se sujeitarem a esse Sujeito único e absoluto, os sujeitos podem seguir em frente, caso contrário, se forem maus sujeitos, necessitarão da intervenção de algum Aparelho repressivo do Estado. Marx já criticava as relações de poder existentes entre o pensamento das classes dominantes e o das classes subalternas, e de como as classes dominantes conseguiam impor suas ideias:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes da sua época. (MARX, 1999, p.62)

Dessa forma, percebe-se que o capitalismo foi capaz de criar mecanismos, via aparelhos ideológicos, que fazem com que os sujeitos entendam os interesses desse sistema como sendo iguais aos seus. Isso permite que, somente quando necessário, seja preciso acionar os aparelhos repressivos. Contudo, isto não significa que os aparelhos repressivos não sejam utilizados, pois são, sempre que é necessário, para manter a reprodução do sistema.

2.2 Neoliberalismo

A teoria neoliberal começou a ser pensada por um grupo liderado por Friedrich Hayek em 1947, quando criaram a *Mont Pelerin Society*, como uma resposta aos problemas do capitalismo, bem como às ameaças a ordem social do sistema. Eles defendiam os princípios de livre mercado em detrimento às teorias keynesianas de intervenção de Estado, pois diziam que um Estado intervencionista estaria sujeito às pressões de grupos de interesses que fariam com que as decisões tomadas fossem tendenciosas. Ainda, as decisões do Estado, segundo eles, não seriam as melhores para a acumulação do capital, já que ele não dispunha das informações dadas pelos sinais de mercado. Para esse grupo, tendências políticas que colocavam em declínio a crença na propriedade privada e no mercado competitivo, representavam um perigo a liberdade individual. A teoria neoliberal atribui para si um cunho moral ao se declarar defensora daquilo que seriam os “valores morais absolutos”, que acarretam implicações, ao serem trazidas para dentro da discussão econômica, como a onda neoconservadora que se vê avançar nestes últimos anos.

Mas, o que se percebe é a existência de um espaço de tempo considerável entre a formação da *Mont Pelerin Society*, e a implementação das ideias que surgiram com ela. Isso leva a pensar o quanto a ideologia neoliberal não está alicerçada naquilo que Marx chama de “processo da vida material dos homens” (MARX, 1999, p. 21), e sim, em idealismo, em que a consciência tenta determinar a vida. O neoliberalismo, assim como a ideologia alemã, que Marx criticava em *A Ideologia Alemã* (1999), partiam “do céu para a terra”:

[...] Isto (partir da terra para o céu) significa que não se parte daquilo que os homens imaginam, dizem e pensam nem daquilo que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação de outrem para chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens da sua atividade real. (MARX, 1999, p. 21)

Por esse motivo, não só a teoria neoliberal ficou aguardando o momento mais apropriado para entrar em cena, como também foi necessário que as novas

pautas de desengajamento do Estado ganhassem erudição, por meio de uma validação de valores, que lhes permitissem ganhar o consentimento das massas.

No momento da formação da teoria neoliberal, o cenário mundial não estava propício a implementação desse processo, pois quase coincide com o final da segunda guerra, que havia deixado marcas profundas e muito recentes à época. Após a crise do capitalismo em 1929 e a devastação da segunda guerra havia se instaurado um pacto de classe, e o Estado passou a restringir e regular o mercado e as atividades corporativas, aplicando as políticas econômicas fiscais e monetárias Keynesianas, que levavam em conta o pleno emprego. Além disso, passou a estabelecer regras para os salários e uma rede de proteções sociais que ficou conhecida como Estado de bem-estar social, isso quando não liderava setores considerados chave da economia. Esse pacto redistributivo restringia os lucros das classes dominantes e permitia que as classes trabalhadoras não fossem tão exploradas. Com a mudança de cenário, a partir da crise de acumulação dos anos 1970, as arrecadações eram incompatíveis com os gastos sociais e instaura-se um embate entre a tendência a uma socialdemocracia e a teoria neoliberal. As classes dominantes passam a se sentir ameaçadas pelo colapso do crescimento econômico, e a teoria neoliberal que estava incubada passa a ganhar força e aponta para uma saída da crise econômica e para a ordem social do sistema capitalista ameaçada por uma tendência global ao socialismo. É com os golpes na América Latina, apoiados pelos Estados Unidos, que as classes dominantes vislumbram uma saída para evitar a ameaça ao seu poder de classe.

Sabe-se que após décadas de processo de neoliberalização da economia, há uma comprovada redução no bem-estar social e o fracasso, em geral, em promover o crescimento em todo o mundo. Segundo David Harvey (2003), isso se deve ao fato de esse processo ou ter sido muito vantajoso a ponto de restaurar o poder das classes dominantes, ou, na falta de uma, ter propiciado as condições adequadas para formá-la. Mesmo assim, essa prática ainda é defendida e vista como a única forma de globalização da economia. O fato é que o neoliberalismo está entranhado de tal forma na sociedade, e aqui depreende-se sociedade a nível global, que, mesmo quando o seu fracasso é apontado, é como se a neoliberalização estivesse imune ao pensamento crítico, ou ainda, imune a própria realidade que constrói. A materialização disso se dá no fato de que virou

senso comum creditar o fracasso econômico dos Estados a sua falta de competitividade, e assim cria-se um paradoxo, pois para ser mais competitivo é necessário aprofundar a neoliberalização. Além de que, o fracasso dos pobres é culpa deles mesmos, por questões morais e pessoais.

É por meio do que Harvey (2003) chama de “aparato conceitual”, alicerçado em valores de liberdade individual e dignidade humana, que a teoria neoliberal vai entrar para o senso comum, cuja principal atribuição é fundamentar o consentimento. Segundo esse autor: “O senso comum é construído com base em práticas de longa data de socialização cultural, que costumam fincar profundas raízes em tradições nacionais ou regionais” (HARVEY, 2003, p. 24). Portanto, dessas tradições culturais podem emergir valores e temores, que podem ser direcionados para esconder problemas reais sob um preconceito cultural enrustido. É dessa forma, que se tem conseguido o consentimento de uma grande parcela de sujeitos, para as intervenções feitas em nome da liberdade. Como se deu em alguns lugares, que ofereciam resistência a virada neoliberal, foi necessário impor a “liberdade” a força, para dar um disfarce cultural a questões políticas.

Muito embora a teoria neoliberal tenha tentado conciliar liberdade individual e justiça social, que eram anseios nas lutas do final da década de 1960, entende-se que sem solidariedade a liberdade individual aniquila a justiça social (HARVEY, 2003, p. 25). A economia de mercado e o Estado mínimo chegaram com a promessa de riqueza e prosperidade para os indivíduos, sendo que para isso, bastaria suprimir a interferência do Estado sobre o mercado. O Estado deveria interferir somente em questões essenciais, e assim os cidadãos estariam livres para fazer as suas escolhas e buscar seus interesses. A base do pensamento neoliberal se assenta em uma promessa muito atraente, que, até então, nenhuma forma de organização social e política oferecera: a ideia de que uma economia livre pode proporcionar aos cidadãos mais liberdade e o que quiserem, sem coerção de grupos particulares.

É com essa promessa de liberdade individual que a teoria ganha a adesão e o consentimento dos sujeitos. Contudo o que se constata na realidade é que a liberdade de mercado favorece acima de tudo, e de todos, os detentores do capital, seja ele em forma de propriedade privada, grandes corporações ou do capital financeiro (HARVEY, 2003, p.8). Com a restauração do poder de

classe, ou sua criação, possibilitadas pela acumulação de capital por capitalistas domésticos e estrangeiros, criou-se um sistema coercitivo sobre as classes subalternas, inviabilizando tanto as liberdades individuais, quanto à justiça social. O individualismo promovido pelo neoliberalismo, é um individualismo voltado para o mercado, com prerrogativas egoístas e que fomenta desejos de consumo, mas que não promove o respeito pelas particularidades e diferenças. Uma lógica que produz indivíduos disponíveis para a reprodução do sistema e para o consumo das últimas novidades. Não traz emancipação, pois mantém os sujeitos alienados nas engrenagens do sistema.

No livro *O Fim da História e O Último Homem*, Francis Fukuyama (1992) fala sobre aquilo que ele chama de uma “moda” na década de 50, ou seja, estudos organizados pelo Comitê Econômico das Nações Unidas para a América Latina (CEPAL), que explicavam o subdesenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, a partir de uma lógica de dependência, com relação aos países capitalistas desenvolvidos (FUKUYAMA, 1992, p. 72). Os estudos apontavam para o fato de que os países desenvolvidos, desde o início do capitalismo, terem viabilizado formas para obter vantagens a partir de como o sistema estava estruturado. Hobsbawn (1982) já discutia essas questões em *A era do capital*, pois segundo esse autor, para a Inglaterra, o livre comércio internacional era relevante pelo fato de o país poder estimular outros países, ainda subdesenvolvidos, a comercializar suas matérias-primas e alimentos, mais baratos no mercado internacional, por produtos ingleses manufaturados, que eram mais valorizados. Sem essa troca, mesmo que desfavorável, os países subdesenvolvidos não teriam as divisas necessárias para participar do jogo. Sendo assim, mesmo que a Inglaterra tivesse vantagem inquestionável, de alguma forma as outras economias podiam se beneficiar. Foi a partir disso, que algumas economias puderam utilizar equipamentos e conhecimento britânico, como é o caso do ferro necessário para construção de estradas de ferro, sem o qual tais países não teriam se industrializado. Nesse momento do processo histórico de industrialização, rivalidades e vantagens a parte, havia ganhos para todos os envolvidos.

De acordo com Theotônio dos Santos (2000), em seu livro *A teoria da dependência: balanço e perspectivas*, o desenvolvimento das nações periféricas do sistema foi inviabilizado no século XX, uma vez que as condições para o

desenvolvimento, no modelo do século anterior, não existiam mais quando se deram as tentativas de sua implementação. De acordo com esse autor, a revolução industrial era vista pelas ciências sociais como um modelo de um processo social que levaria à modernidade, pois se trataria de um novo estágio civilizatório. Esse processo civilizatório foi apresentado de três formas distintas, a saber: ora apresentado como resultado histórico da ação das forças econômicas, de mercado ou socialistas; ora apresentado como resultado de condutas racionais, de homens racionais e utilitários; ora apresentado como um sinal de superioridade europeia, racial e cultural. Esta última acabou sendo descartada após a derrota nazista, e a modernidade, portanto, passou a ser entendida como um estágio civilizatório, o qual todos os povos deveriam atingir para alcançar uma sociedade desenvolvida e democrática. O que para alguns se tratava de uma forma ideal de sociedade, para Marx se tratava de somente um estágio do desenvolvimento histórico da humanidade.

Nesse contexto se fortalece a *Teoria do Desenvolvimento*, com uma vasta literatura acerca dos processos que levariam ao desenvolvimento, tais como atitudes, valores e normas que levassem à acumulação de riqueza por parte dos indivíduos e posteriormente das nações. Dessa forma, o subdesenvolvimento seria uma etapa, mas no final seria possível que todos os países subdesenvolvidos atingissem o estágio civilizatório almejado. O subdesenvolvimento era explicado pelos obstáculos ao desenvolvimento e modernização, que ainda não tinham sido superados. Somente por volta da década de 60 essa teoria perde força, pois esses processos, que levariam ao desenvolvimento, não produzem nenhum resultado bem-sucedido.

Abriu-se caminho para entender a dialética desenvolvimento-subdesenvolvimento dentro do sistema que produz as duas coisas. Na teoria do desenvolvimento e do subdesenvolvimento a superação do domínio colonial se daria pelo aparecimento de burguesias locais que tomariam seu lugar como protagonistas na expansão do capitalismo mundial. Contudo, é com a Teoria da dependência que se compreendeu as limitações do desenvolvimento iniciado em um período histórico em que a economia já se configurava sob a forma de grandes grupos econômicos hegemônicos e enormes forças imperialistas.

Disso depreende-se, que o esforço desenvolvimentista das economias subdesenvolvidas nas décadas de 50, 60 e 70, não foi algo aleatório. Tratou-se

de uma prescrição baseada em teorias com forte teor ideológico, um projeto que trouxe mais subdesenvolvimento para as economias subdesenvolvidas. Mesmo países que apresentassem crescimento econômico considerável, não conseguiam resolver problemas de concentração de renda, analfabetismo e miséria, devido a sua profunda dependência econômica e política da economia mundial. Isso não significa que não exista desenvolvimento nas economias dependentes, mas sim, que o que se desenvolve nessas economias é o subdesenvolvimento.

Olhar para a divisão internacional do trabalho e para a divisão internacional do mercado, em que as economias subdesenvolvidas estão inseridas de forma desigual, de forma descontextualizada, não ajuda na sua compreensão. Para entender os processos, que levaram o sistema ao estado atual em que se encontra, é preciso uma análise das condições históricas que fazem o sistema econômico mundial ter a configuração que tem na contemporaneidade.

Fukuyama (1992) aponta para o fato de esta ideia, de que havia uma dialética entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, ter sido superada na década de 90. Segundo o autor:

Esses novos líderes democraticamente eleitos partiram da premissa de que o subdesenvolvimento não era devido às desigualdades inerentes ao capitalismo mas ao grau insuficiente de capitalismo praticado nos seus países no passado. A privatização e o mercado livre tornaram-se as novas senhas, no lugar da nacionalização e da substituição de importação [...]. (FUKUYAMA, 1992, p.72)

Para alguém que dedica muitas páginas falando na legitimidade do neoliberalismo, esse autor não problematiza algo que não legitima a democracia liberal em nada, dado ao fato de que, esses “novos líderes democraticamente eleitos”, foram os primeiros líderes a substituir regimes autoritários implantados, no caso da América Latina, via golpe militar, para evitar tendências socialistas, e com anuência norte americana. Tais ditaduras já haviam comprometido bastante suas economias, de forma que quando esses regimes ditatoriais caíram, os países recém democratizados tiveram que aderir ao *Washington Consensus*. E, mais contraditório ainda, é o caso do Chile, que teve o neoliberalismo implementado em plena ditadura. Os golpes sucessivos na

América Latina prepararam o terreno para a adoção do neoliberalismo, seja ainda nos governos ditatoriais, seja nos governos democráticos subsequentes; não só porque se criou a necessidade de adotar o neoliberalismo, mas também porque se procurou exterminar o pensamento concorrente da Teoria da dependência. Esse pensamento foi amplamente combatido, resultando na perseguição e no exílio dos seus teóricos, mostrando que não se tratava de uma “moda” superada no curso natural do processo histórico, mas sim algo que abalaria a ordem social estabelecida.

Loïc Wacquant fala em seu livro: *As Prisões da Miséria* (1999), sobre o papel decisivo que o *Washington Consensus* teve no enfraquecimento do Estado social, por meio do ajuste estrutural, ao qual países endividados tiveram que se submeter, para receberem ajuda de fundos internacionais, e que também foi seguida por países capitalistas, onde prevaleceram as políticas econômicas neoliberais. Nessa redefinição do papel do Estado, ele aponta para uma relação direta entre a diminuição de Estado econômico e social com o aumento do Estado penitenciário e policial, pois é a partir desse enfraquecimento do Estado enquanto provedor de um bem-estar social que se faz necessário reforçar as intervenções na área da segurança, cujo âmbito passa a ser, nesse contexto, reduzido à instância criminal, deixando de lado questões essenciais para garantir a segurança da vida. Para o autor:

Designa-se geralmente pela expressão "Washington consensus" a panóplia de medidas de "ajuste estrutural" impostas pelos provedores de fundos internacionais como condição para ajuda aos países endividados (com os resultados desastrosos recentemente constatados na Rússia e na Ásia) e, por extensão, as políticas econômicas neoliberais que triunfaram nos países capitalistas avançados ao longo das últimas duas décadas: austeridade orçamentária e regressão fiscal, contenção dos gastos públicos, privatização e fortalecimento dos direitos do capital, abertura ilimitada dos mercados financeiros e dos intercâmbios, flexibilização do trabalho assalariado e redução da cobertura social. Convém doravante estender esta noção a fim de nela englobar o tratamento punitivo da insegurança e da marginalidade sociais que são as consequências lógicas dessas políticas. (WACQUANT, 1999. p. 48)

Nessa ideologia, de submissão do Estado ao mercado, devem ser evitadas as políticas públicas para se diminuir as desigualdades. Assim, até mesmo governos socialistas, como o da França nos anos de 1980, criminalizaram a miséria. O conceito de sociedade baseada na divisão de

classes é abandonado em prol do conceito de uma sociedade “meritocrática”, o que justificaria a passagem de um *welfare* para um *workfare*; em que as desigualdades se assentam em questões técnicas e morais, desvinculadas das questões de classe. Pessoas competentes e responsáveis, nessa ideologia, dispensam a ajuda do Estado; assim, os incompetentes e os irresponsáveis deveriam ser penalizados, para que essa distorção de personalidade fosse corrigida. Portanto, seria justo adotar um modelo de rigor penal para superar as falhas de personalidade dos pobres.

Quando Fukuyama (1992) fala em legitimidade, discorre tanto sobre regimes autoritários de direita, quanto sobre regimes totalitários de esquerda. O seu argumento é de que, de alguma forma esses governos estão legitimados; no caso dos regimes autoritários em questão, a legitimidade está na necessidade de se evitar algo que prejudicasse a ordem social. O teórico ainda cita o terrorismo e o caos econômico como possíveis fontes de legitimidade. Não é novidade, na América Latina, a recorrência do uso de uma “ameaça comunista” como justificativa para golpes.

Quanto ao totalitarismo, segundo o autor, muito se creditou sua legitimidade à estabilidade social que os Estados totalitários ofereciam aos seus povos, além de agir de forma diferente, pois o consenso na época era de que “[o] totalitarismo conseguira não apenas intimidar populações dominada mas obrigá-las a internalizar os valores dos seus senhores comunistas.” (FUKUYAMA, 1992, p. 35). Ele ainda afirma que:

Um Estado totalitário, ao contrário do Estado apenas autoritário, podia controlar a sociedade submissa de modo tão implacável que era fundamentalmente invulnerável a mudanças ou reformas: assim, “a história deste século não fornece nenhuma base para esperar que os regimes totalitários radicais venham a se transformar por si mesmos.” (FUKUYAMA, 1992, p. 35)

Porém, como explicitado pelo autor, somente a democracia liberal teria o status de legitimidade no mundo moderno (FUKUYAMA, 1992, p. 49).

Mas o que é essa ameaça a ordem social, que legitimaria regimes autoritários? Ao que tudo indica, trata-se da ameaça a ordem social que favorece a ideologia das classes dominantes. Uma vez que, os países, onde se instauraram regimes militares na América Latina, tendiam para uma virada

política que possibilitasse a justiça social. Ao falar dessas novas democracias, a partir da década de 90, Fukuyama (1992) fala das crises enfrentadas por elas, sejam elas crises econômicas, dado o endividamento externo, sejam crises causadas pelos cartéis de drogas:

[...] Muitas democracias já haviam surgido e desaparecido na América Latina e as novas democracias viviam uma crise econômica cuja manifestação mais visível era a crise da dívida externa. Além disso, países como o Peru e a Colômbia enfrentavam o tremendo desafio interno de insurreições e drogas. Mesmo assim, essas novas democracias demonstravam uma resistência notável, como se a experiência passada do autoritarismo as tivesse vacinado contra uma volta fácil ao regime militar. [...] (FUKUYAMA, 1992, p. 41)

Subentende-se, então, que a ordem social, que não pode ser ameaçada, é a da desigualdade social, que beneficia as classes dominantes; pois o fato de que, com a adoção de um alinhamento com o neoliberalismo, as classes subalternas ficaram mais vulneráveis, não é levado em conta para avaliar a validade ou não do sistema. As crises com as dívidas externas, em que as populações mais vulneráveis são penalizadas; o tráfico de drogas, resultado das desigualdades sociais, não são ameaças a “ordem social”.

Sendo assim, percebe-se porque hoje, por mais que o neoliberalismo não apresente soluções para os problemas mundiais atuais, é visto como a única forma de governo legitimamente possível. Segundo Harvey (2003), a formação de bancos de ideias, financiados por corporações, para fundamentar as ideias neoliberais, foi uma das principais estratégias para enfrentar a crítica e a oposição ao livre mercado americano, ainda na década de 70, e então ganhar o consentimento dos seus opositores. Atenção especial foi dada as universidades, onde segundo o autor:

Ao destacar as universidades como espaços a que dedicar particular atenção, Powell identificou uma oportunidade, mas a um só tempo um problema, pois estas eram de fato centros de sentimento anticorporativo e anti-estado (os estudantes de Santa Bárbara tinham incendiado a sede do Bank of American na cidade e enterrado cerimonialmente um automóvel na areia). Mas muitos estudantes eram (e ainda são) abastados e privilegiados, ou ao menos classe média. e nos Estados Unidos os valores da liberdade individual há muito vêm sendo celebrados (na música e na cultura popular) como fundamentais. Temas neoliberais podiam encontrar aqui um fértil terreno para propagar-se. (HARVEY, 2003, p. 27)

E dessa forma, essa ideologia foi sendo empregada para fabricar o consentimento e remoldar o senso comum. Além disso, ganhou a disputa no campo político dominando os partidos e consequentemente o Estado.

Para Fukuyama (1992) a democracia liberal sai vitoriosa com relação às demais formas de governo, pois não há ideologia que possa concorrer com ela em termos de legitimidade, cuja base está na soberania do povo (FUKUYAMA, 1992, p. 76). Essa forma de governo surge como um “padrão único e universal”, de forma que não é mais possível imaginar um mundo em que não haja capitalismo e democracia, ou ainda, imaginar um mundo sem democracia liberal, e que isso signifique um mundo melhor. Dessa forma, para esse autor, chegou-se a uma espécie de ápice civilizatório, pois por mais que se imagine um mundo diferente, esse mundo não pode ser melhor do que é sob o paradigma da ideologia liberal. Segundo o autor:

A história não era uma concatenação cega de eventos, mas um todo significativo, no qual as ideias humanas sobre a natureza de uma ordem social e política justa se desenvolviam e desempenhavam papel importante. Se chegamos hoje a um ponto em que não podemos imaginar um mundo essencialmente diferente do nosso, no qual não existe nenhuma perspectiva visível ou óbvia de que o futuro representará uma melhora fundamental da ordem atual, então devemos tomar também em consideração a possibilidade de que a própria História tenha chegado ao fim. (FUKUYAMA, 1992, p. 82)

Ao colocar o liberalismo democrático, que é como o autor se refere ao neoliberalismo, como “a forma final da História humana” (JAMESON, 2001, p. 88), Fukuyama coloca mais um tijolo na construção daquilo que, como já dito antes, Harvey chamou de “aparato conceitual” (HARVEY, 2003, p. 24), cuja principal função é fazer com que a ideia de indissociabilidade, entre neoliberalismo e democracia, entre para o senso comum. Toda essa construção, de um aparato conceitual, que culmina com a ideia de que o neoliberalismo é o ápice da civilização humana, traz uma implicação bastante problemática, ou seja, tudo que ameaçar essa ordem, deve ser combatido. Assim como os regimes autoritários de direita foram naturalizados e validados pela ameaça a ordem social, corre-se o risco de se naturalizar e se validar, o que quer que seja, para se manter algo que não pode ser superado, pois não existe uma saída melhor.

O capitalismo sempre se mostrou um sistema contraditório, por ser um sistema em que utopia e distopia coexistem no mesmo espaço e por promover o desenvolvimento e o subdesenvolvimento ao mesmo tempo. A adoção de feições totalitárias, autoritárias e fascistas, para garantir a “democracia liberal”, só seria mais uma contradição entre muitas.

Segundo Jameson (2001), a noção de “fim da história” de Fukuyama, expressa aquilo que ele chama de “bloqueio da imaginação histórica” (JAMESON, 2001, p. 92), que tem na “sistematicidade” que a estrutura neoliberal atinge com a revolução tecnológica do capitalismo tardio, ou seja, a resistência que a própria imaginação do indivíduo apresenta de se desconectar de um sistema que é mundial (JAMESON, 2001, p. 92-93). Tecnologia e sistema capitalista caminharam juntos durante todo o percurso, e entre os grandes avanços tecnológicos está a internet, que deu origem ao fenômeno chamado cibercultura. É visto que, conforme a rede se desenvolveu, acabou se sujeitando a um formato mercadológico, pois foi invadida pelo poder econômico, que criou mercados virtuais para seus negócios, valendo-se das crescentes massas de consumidores disponíveis neste ambiente. O lugar onde se articula a cibercultura, é um lugar submetido a exploração mercadológica, portanto, mediado pela lógica capitalista.

No texto *A comunicação na era da cibercultura: adeus à indústria cultural*, Francisco Rüdiger comenta que todas as mazelas, que o sistema cria no mundo real, são transpostas para o mundo virtual; pois não há independência entre eles, já que coexistem dialeticamente. O que muda é o meio pelo qual as representações se manifestam. Uma prova disso é que não há diferença na exploração econômica, que neste momento do processo evolutivo, também já faz parte da morfologia do mundo virtual. Ainda, há a crescente onda de conservadorismo, que está ressurgindo em escala planetária e a manipulação política, cujo principal veículo de disseminação, é o ciberespaço. Agora, há o agravante de se disseminarem em grande escala, dadas as próprias circunstâncias que o ambiente virtual proporciona. Para Rüdiger:

[...] O virtual e o real não são dois mundos paralelos: existem em relação dialética, o que significa dizer que entretêm relações de complementaridade, dependência recíproca e dinâmica tempestuosa que, em boa parte, podem ser examinadas à luz do conceito crítico de indústria cultural.” (RÜDIGER, 2008, p.23)

Nesse contexto, há um antagonismo entre indústria cultural e cultura, uma vez que uma é o que a outra não é. Cultura é o lugar em que o sujeito pode se exercitar criticamente de forma a se emancipar em relação as estruturas de poder impostas pela sociedade. A ideia de uma indústria cultural vai na contramão do conceito de cultura. Segundo Marx, não é porque no tempo que reinava a aristocracia vigoravam os conceitos de honra e fidelidade. Ou ainda, no tempo em que reinava a burguesia vigoravam os conceitos de liberdade e igualdade. O processo é justamente inverso, o conceito de liberdade e de igualdade vigora, porque se trata de uma sociedade de consumo, e a ideologia dominante pressupõe sujeitos “livres” para o mercado. É preciso levar em conta os “indivíduos e as circunstâncias mundiais que possam estar na base dessas ideias”, a saber, as condições de produção, que neste caso é capitalista (MARX, 1999, p.64). Não é por acaso, que no sistema capitalista, indústria cultural se transcende em sistema.

Paul Virilio, em *A arte do motor* (1996), faz uma crítica aos meios de comunicação, pois eles infantilizam os sujeitos via mediatização das representações. Os sujeitos acabam perdendo autonomia e desenvolvendo dependência, por não mais construírem uma imagética pessoal e distinta, que agora é produzida e transmitida pelos meios de comunicação de massa, em escala industrial. Ainda, como o tempo necessário para a compreensão, a análise e a confirmação dos acontecimentos é suprimido, há uma modificação da aparência dos fatos. Essa confusão mental a que os sujeitos são levados, via tecnologia, faz com que não consigam mais fazer distinção entre mentira e verdade, tornando-os facilmente manipuláveis por quem quer que tenha poder para fazê-lo, o que, muitas vezes, traduz-se em grande prejuízo para o bem estar das sociedades como um todo, e grande lucro para um grupo muito pequeno de indivíduos.

Pode se tele transportar essas questões para o ciberespaço, em escalas ainda mais alarmantes; já que desvelam, devido a própria natureza do veículo, com mais força (ou velocidade) ainda, as contradições entre informação e conhecimento. O sujeito pós-moderno torna-se imediatista, devido ao fato de as suas representações serem mediadas por um veículo, cuja velocidade não se consegue apreender. Para Rüdiger, devido a esse imediatismo, que o

ciberespaço potencializa, os sujeitos transcendam sua condição de cidadãos para a de consumidores. Conforme o autor, essa mudança de visão de mundo foi viabilizada pela cibercultura:

Conforme notado, a cibercultura serve de mediação que traduz para o cotidiano e faz ressoar entre as massas os avanços de uma época movida pela forma mercadoria e que se deixa impulsionar de forma tecnológica e maquinística. (RÜDIGER, 2008, p.33)

As implicações desse contexto cibernético são profundas e causam uma quebra de paradigma. Há algumas décadas, a ideia de uma civilização maquinística era muito criticada, basta lembrar a metáfora, em Tempos Modernos de Chaplin, do homem se transformado em máquina. Agora, surge uma vanguarda, cujo objeto de experimentação, passa a ser a própria natureza humana e tem como premissa a superação do humano: o movimento pós-humanista. Anuncia-se, assim, que o humano, como sempre se concebeu, está superado e não há outra alternativa a não ser abandonar essa forma obsoleta de corpo. Para isso, é preciso buscar formas mais avançadas, que possam adaptar-se a ao mundo tecnológico, já que a ideia de evolução, como desenvolvimento orgânico, é uma noção ultrapassada.

Paul Virilio fala ainda em seu texto sobre o impacto da tecnologia no humano: uma tecnologia que modifica comportamentos e a forma como a sociedade está estruturada, a um ponto nunca antes imaginado, pois se expande até as entranhas da humanidade, com a “inseminação do ser vivo pelas biotecnologias”. Para Virilio, os corpos pós-modernos ajustam a sua “energia vital” de forma a se atualizarem com as novas tecnologias. Por meio de mudanças nas práticas nutricionais, com a ingestão de excitantes e estimulantes químicos, o sujeito pós-moderno pode tornar seu corpo contemporâneo à tecnologia. É como se o homem pós-moderno estivesse sendo reconstruído fisiologicamente para se adaptar ao sistema e as suas exigências, que nesse momento evolutivo, da corrida eliminatória, não exigem somente mudanças que tragam mais agilidade ao corpo, e sim, mudanças na própria configuração dos ritmos vitais.

A colonização agora não é só geográfica, mas também visa a colonização daquilo que Virilio chama de “intraestrutura”; a fisiologia, onde começa e se

encerra a percepção do mundo. Dessa forma, a aceleração na produção e distribuição que aumentaria a capacidade de eliminar rivais, agora pode ser obtida com o avanço tecnológico aplicado na infraestrutura e na intraestrutura. É a expansão total do capital, que consegue submeter e subverter tudo a sua lógica, até a fisiologia humana, onde já não existe limite entre interno e externo. Marx já apontava para o fato do indivíduo ser um instrumento de produção: “No primeiro caso, deve-se associar os indivíduos; no segundo, estes (os indivíduos) se encontram ao mesmo nível de qualquer instrumento de produção, são eles mesmos instrumentos de produção”. (MARX, 1999, p.70)

Se não é a “consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 1999, p. 22), é compreensível que a promessa de um benefício de fato, obtido pelo desenvolvimento tecnológico, para a humanidade não se verifique na realidade. Entre as justificativas usadas para a necessidade do desenvolvimento tecnológico estariam os benefícios que ele traria à humanidade. Com isso, a robótica, por exemplo, desenvolveu-se com o pressuposto de que quanto mais tecnologia, tanto mais livre os seres humanos seriam para desenvolverem suas habilidades inatas e se dedicarem ao belo, o que significaria uma liberdade de escolha sem precedentes na história da humanidade. Tal promessa não passa de ideologia, pois não parte do real, e sim, de conceitos abstratos, que quando aplicados à realidade, não a modificam. Cabe aqui retomar, que a Ideologia que prevalece, na concepção Marxista, é a daqueles que detém os meios de produção:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem entre outras coisas uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes da sua época. (MARX, 1999, p.62)

A natureza da sociedade contemporânea é muito mais espacial do que temporal, dada a relação da pós-modernidade com a globalização. Para Doreen Massey (2008) “contar a estória da globalização, tem sido usado para espacializar a estória da humanidade” (MASSEY, 2008, p. 99). Em se tratando de imaginação geográfica, a globalização remete a um espaço sem limite,

aparentemente instantâneo, ao mesmo tempo que carrega uma a-espacialidade pela negação da multiplicidade de espaços. Segundo a autora:

A concepção temporal da geografia da modernidade, há muito hegemônica, impõe a repressão da possibilidade de outras trajetórias (outras, isto é, diferentes do imponente progresso em direção à modernidade/modernização/desenvolvimento no modelo ocidental europeu). Trata-se de uma repressão que pode ser vista como um tipo de contraponto inicial, para provocar o fim da modernidade – se assim pode os dizer – pela denominada “chegada das margens ao centro”. (MASSEY, 2008, p. 109)

Dessa forma, não se oferece possibilidade de diferentes trajetórias para espaços diferentes, pois todos estão esperando, a seu tempo, o momento propício para fazer parte de um mundo globalizado, seguindo o caminho do desenvolvimento, como se não houvesse possibilidade de outro percurso. Geograficamente, só existe a possibilidade de uma hegemonia neoliberal: “a globalização neoliberal como prática material e como discurso hegemônico é ainda mais uma em uma longa série de tentativas de subjugar o espacial ao temporal.” (MASSEY, 2008, p. 149). O espaço fica atrelado ao tempo, pois, se por um lado não há espaço para outro caminho que não seja o da hegemonia da globalização neoliberal, por outro, é questão de tempo para que outros espaços sejam integrados. Esses discursos hegemônicos, como bem diz a autora, “optam por ignorar o espaço como algo que se coloca como a grande questão existencial da contemporaneidade” (MASSEY, 2008, p. 97). O que advém disso é uma narrativa da inevitabilidade, pela qual se obstrui o engendramento das relações de produção capitalista, agora globalizada, que levam a desigualdade, e que, por sua vez, tem relevância direta na disposição desses espaços. Por essa razão, pode se pensar nos espaços produzidos pelo capitalismo neoliberal como distópicos, onde as questões existenciais são, via discurso hegemônico, naturalizadas.

2.3 Utopia e Distopia

O conceito de utopia foi dado por Thomas Morus, que foi considerado um dos grandes humanistas do Renascimento, em sua principal obra literária

chamada *Utopia* (1516), e ajuda a entender o seu significado. Para esse escritor, utopia designa uma sociedade ideal, mas que não existe, pois é impraticável, por se tratar de uma quimera ou fantasia. Em grego, *tópos* significa lugar e o prefixo "u" tende a ser empregado com significado negativo, de modo que utopia significa "não lugar" ou "lugar nenhum", ou seja, um lugar imaginário. Por outro lado, a distopia, do grego "dis" que significa "dor, dificuldade" e "tópos" lugar, é a crítica à utopia e às organizações de Estado utópicas, como o socialismo de esquerda e o nazismo de direita, que deram origem a Estados totalitários. Apesar de as características entre utopia e distopia serem semelhantes, a distopia aponta o lado negativo de organizações cuja premissa é a perda da liberdade.

Segundo Leomir Cardoso Hilário (2013, p. 202), a distopia, enquanto gênero literário, ao propor questionamentos políticos, ajuda na compreensão das forças que atuam no mundo, o que fornece subsídios para se pensar a contemporaneidade de forma crítica. Ainda, o romance distópico pode dar o "alerta de incêndio", ao apontar que determinados rumos tomados podem trazer consequências perigosas, de forma que sejam tomadas atitudes para se reverter ou minimizar seus efeitos. Para ele:

O romance distópico pode então ser compreendido enquanto aviso de incêndio, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, 2013, p. 202, grifo do autor)

Ao discutir sobre utopia, Jameson (2005), aponta para o fato de que, mesmo as imaginações mais ousadas estão presas aos processos de produção que conformam os sujeitos, e que, sendo assim, a utopia é uma forma de conscientizar o aprisionamento mental e ideológico em que os indivíduos se encontram. O caso do desejo utópico por pleno emprego, dentro de um sistema capitalista, aponta uma relação, que para esse autor é contraditória (JAMESON, 2005, p. 147). Trata-se de um sistema que, segundo seus defensores, não se pode reproduzir a pleno emprego, pois necessita de uma reserva de mão-de-obra desempregada. Ou ainda, tem como modelo de eficiência a diminuição de gastos, que muitas vezes é obtida pela diminuição do número de empregos, condição necessária para se obter investimentos e empréstimos de grandes bancos. Isso tudo dentro de um sistema que tem uma lógica voltada para sua

reprodução, para garantir a sua expansão ilimitada. Portanto, a realização do desejo de pleno emprego transformaria o sistema, assim como o modelo econômico teria que ser transformado para que fosse possível o pleno emprego, numa relação que para o autor é circular. Depreende-se, que dentro do sistema capitalista, o pleno emprego é uma utopia, por se tratar de um desejo irrealizável dentro dessa estrutura econômica, teria que se transformar o sistema em outra coisa para que essa utopia se realizasse. Pleno emprego conjugado com capitalismo é uma fantasia.

Cabe ressaltar, que as políticas Keynesianas, que levaram em conta o pleno emprego no pós-guerra, e já foram citadas acima, foram políticas adotadas em um contexto de crise em que o setor privado quebrou, não deixando outra alternativa ao Estado que não fosse o de ser um Estado empresário. Mas tão logo essas economias se recuperaram, esse modelo foi deixado de lado; ainda, se formulou uma teoria cujo principal objetivo foi restaurar o poder de classe (HARVEY 2003). Portanto, o pleno emprego no modelo capitalista não só foi algo extraordinário, como também o próprio sistema se ocupou de arranjar formas para que algo nesses moldes fosse inviabilizado futuramente.

A obra de Aldous Huxley (2014), *Admirável Mundo Novo*, publicada originalmente em 1932, está inscrita em um momento histórico de crise do sistema capitalista. Um mundo que se vê submergido em um sentimento nacionalista extremo, que acaba por dar vazão a regimes totalitários. Essa relação com o totalitarismo fica evidenciada na forma como as pessoas na narrativa de Huxley naturalizam a sociedade em que vivem, jamais a questionando. A crise de 29, como ficou conhecida, é uma crise de produção, e o modelo de produção desse período era o Fordismo.

Sendo assim, na obra de Aldous Huxley (2014), o modelo de reprodução humana é um modelo baseado no modelo de produção fordista. As pessoas não nascem, elas são produzidas como se fossem mais uma engrenagem ou uma mercadoria do sistema. Ainda, como o modelo Fordista visa atender um grande mercado consumidor, as pessoas produzidas em *Admirável Mundo Novo* são produzidas via tecnologia e em série, para consumir e assim demandar tudo que é produzido. Dessa forma, não se trata de somente produzir vidas, essas vidas são condicionadas a manter a reprodução do sistema. Essa também é uma solução encontrada para o problema da ocupação dos sujeitos, pois todas as

peessoas produzidas já estão predestinadas socialmente. Em outras palavras, a solução encontrada para a utopia do pleno emprego nos espaço apresentados na obra, é uma solução distópica. Os espaços no texto são espaços de distopia:

– Nós também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas ou de Ípsilons, de futuros carregadores ou de futuros... – ia dizer futuros “Administradores Mundiais”, mas, corrigindo-se complementou: – futuros Diretores de Incubação. (HUXLEY, 2014, p. 33)

Nesse admirável mundo novo as pessoas, que mais tarde desempenharão tarefas, nos vários espaços da sociedade, estão divididas em castas: Alfas, Betas, Deltas, Gamas, Ípsilons, cada uma com um papel já predeterminado dentro de um sistema de matriz mercadológica: “– Quanto mais baixa é a casta – disse o sr. Foster –, menos oxigênio se dá.” (HUXLEY, 2014, p. 33). Os Seres humanos são produzidos e reproduzidos em série, em uma forte referência ao conceito do fordismo, com suas linhas de produção em massa, porém agora aplicado à vida.

É por meio do condicionamento que se pode solucionar questões que sempre foram problemáticas no sistema capitalista, como é o caso da consciência de classe, sempre considerada algo que poderia abalar as estruturas dessa ordem. Porém, agora essa consciência é implantada na mente desses novos seres, desde a mais tenra infância, por meio de técnicas de hipnopedia. Trata-se de uma forma de educar “moralmente” (HUXLEY, 2014, p. 47), fazendo com que crianças ouçam repetidas vezes, durante o sono, o que se deseja que fique condicionado em suas mentes:

– Até que, finalmente, o espírito da criança seja essas coisas sugeridas, e que a soma dessas sugestões *seja* o espírito da criança. E não somente o espírito da criança. Mas também o adulto, para toda a vida. O espírito que julga, e deseja, e decide, constituído por essas coisas sugeridas. Mas todas essas coisas sugeridas são aquelas que nós sugerimos, *nós!* – O Diretor quase gritou, em seu triunfo. – Que o Estado sugere. – Bateu com a mão na mesa mais próxima. – Daí segue-se que...(HUXLEY. 2014, p. 49)

Embora a hopnopedia seja “a maior força moralizadora e socializante de todos os tempos” (HUXLEY, 2014, p. 49), outras técnicas são utilizadas para manter as pessoas condicionadas da infância à vida adulta, como a tortura:

– Observem – disse o Diretor triunfante. – Observem.

Os livros e o barulho intenso, as flores e o choques elétricos – na mente infantil esses pares já estavam ligados de forma comprometedora; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casados indissolivelmente. O que o homem uniu, a natureza é incapaz de separar.

– Elas crescerão com o que os psicólogos chamavam de um “ódio instintivo” aos livros e às flores. Reflexos inalteradamente condicionados. Ficaram protegidos contra os livros e a botânica por toda a vida – o Diretor voltou-se para as enfermeiras. – Podem levá-las. (HUXLEY, 2014, p. 42)

Tratam-se de técnicas de tortura aplicadas em bebês de castas inferiores, para que se mantenham afastadas de livros, pois isso impediria que mais tarde desperdiçassem o tempo da Comunidade lendo, e assim se corresse o risco de lerem algo que ocasionasse o seu descondicionamento. Quanto às flores, eram por questões de “alta política econômica”, uma vez que: “o amor a natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas” (HUXLEY, 2014, p. 43). Dessa forma, essas pessoas não apresentarão nenhuma resistência quando forem ocupar o lugar que lhes é predestinado nos espaços sociais.

Outra forma de condicionamento se dá na própria constituição biológica dos indivíduos, ainda na sua formação embrionária. Com essa técnica, o sistema pode manipular completamente as pessoas, impedindo que escapem do seu destino social, pois sequer terão vontade de fazê-lo, dada a sua constituição biológica. Os embriões podem ser condicionados ao calor:

Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios x diretos. Quando chegavam a ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecelões de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar a predisposição do corpo. (HUXLEY, 2014, p. 35)

Atividades que seriam consideradas penosas, e que muitas vezes, em se tendo outra opção, ninguém gostaria de exercê-las, agora são inexoráveis para os indivíduos que foram condicionados enquanto estavam sendo produzidos em série. Assim também se dá com o condicionamento à tolerância ao chumbo, à

soda cáustica, ao alcatrão, e ao cloro. (HUXLEY, 2014, p. 37). Ainda, há o condicionamento à posição de cabeça para baixo:

– Para melhorar seu sentido de equilíbrio – explicou o sr. Foster. – Efetuar reparos no exterior de um avião-foguete em pleno voo é um trabalho penoso. Nós retardamos a circulação quando eles estão em posição normal, de modo que fiquem parcialmente privados de alimento, e dobramos o afluxo de pseudossangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar. Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes senão quando estão de cabeça para baixo. (HUXLEY, 2014, p. 37)

A utopia capitalista do pleno emprego, se transforma em distopia, pois se a utopia é uma forma de conscientizar o aprisionamento mental e ideológico em que os indivíduos se encontram (JAMESON, 2005, p. 147), na distopia de Huxley (2014), pela forma que os sujeitos estão condicionados, a conscientização fica inviabilizada. Por essa razão, embora a problema de pleno emprego esteja praticamente solucionado nesse “Admirável Mundo Novo”, como fica claro na obra: “– E asseguro-lhe – concluiu o Diretor do Elemento Humano, ao deixarem a fábrica – que quase nunca temos dificuldades com a mão de obra. Encontramos sempre...” (HUXLEY, 2014, p.195). A solução aponta para um desfecho distópico, já que nessa nova sociedade, encontrou-se uma forma de se fazer com que as pessoas se sintam felizes ao serem exploradas:

– E esse – interveio setenciosamente o Diretor – é o segredo da felicidade e da virtude: amamos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar. (HUXLEY, 2014, p. 36)

A premissa mercadológica da sociedade em questão, e, portanto capitalista, fica explicitada não só na exploração da força de trabalho, que agora é fabricada em série, mas também na forma como o sistema se desenvolve de forma desigual geograficamente:

Na aula de geografia dos Betas-Menos, John ficou sabendo que “uma Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civiliza-lo”. (HUXLEY, 2014, p. 197)

Esse desenvolvimento desigual, de pilhagem dos recursos, é característica de uma lógica que só visa o lucro e a expansão sem limites. Portanto, se não há possibilidade de se extrair mais valia de um lugar, não há interesse em desenvolvê-lo. Porém, ao mesmo tempo que não há esse interesse de desenvolver determinados espaços, essa ausência de desenvolvimento torna-se projeto dentro desse sistema. Os espaços, sejam desenvolvidos, sob o ponto de vista mercadológico, ou sejam não desenvolvidos, fazem parte da lógica do sistema, que vai encontrar maneiras de explorar o que os espaços tiverem para oferecer. No caso dos espaços que não foram desenvolvidos, eles se tornam parques, onde as pessoas que vêm dos lugares desenvolvidos podem se entreter.

A forma como todos os indivíduos, na sociedade de *Admirável Mundo Novo*, são produzidos em série, para atender as demandas de mercado e de reprodução do sistema, é uma referência ao modelo Fordista, em que os indivíduos são divididos em tarefas de forma fixa. Fica evidente a questão da importância que o consumo tem nessa sociedade, pois é necessário que conforme se fabrique esse novo sujeito, ele vá sendo sujeitado ou esteja condicionado a consumir:

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado: as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: “Como eu adoro andar de avião”, murmuravam, “como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro...” (HUXLEY, 2014, p.71)

Dessa maneira, mesmo a personagem Linda, que ficou perdida em uma reserva de selvagens por décadas, não consegue se libertar de seu condicionamento:

E olhe esta roupa. Esta lã horrível não é como o acetato. Ela dura, dura!... E a gente é obrigada a remenda-la, se por acaso se rasga. Mas eu sou uma Beta; trabalhava na sala de fecundação; nunca ninguém me ensinou a fazer essas coisas. Não era minha obrigação. Além disso, nunca foi direito remendar roupa. É atirar fora quando estiverem estragadas e comprar novas. “Quanto mais se remenda, menos se aproveita.” Não é verdade? Remendar é antissocial. [...] (HUXLEY, 2014, p. 149, 150)

Na obra, trata-se de um Estado capitalista, como já visto, e totalitário, pois é possível observar a supressão das liberdades individuais. O indivíduo não tem

liberdade de escolha, porque já é previamente planejado em um laboratório, manipulado tanto geneticamente quanto psicologicamente, inclusive na sua aparência, que dependendo da casta a que pertence, pode ter vários múltiplos iguais, como no caso dos Ípsilons. Se “o totalitarismo conseguia fazer com que as populações internalizassem os valores dos seus senhores comunistas” (FUKUYAMA, 1992, p. 35), o que acontece, em *Amirável Mundo Novo*, vai além, uma vez que essa população não dispõe mais de um aparato biológico e psicológico para impedi-lo.

Mesmo que fosse possível solucionar o problema do emprego no capitalismo, a solução seria distópica. Os modelos de produção, como o próprio nome já diz, são modelos voltados a maximizar a produção, e maximização de produção é sinônimo de maximização de exploração. O modelo em questão, Fordista, é um modelo em que quem tem a “sorte” de estar empregado passa horas repetindo os mesmos movimentos, sendo submetido a exigências de produção crescentes. São centenas de pessoas fazendo a mesma coisa, condenadas a monotonia de um trabalho alienante, sempre igual, por horas, e a cada dia a produção anterior precisa ser superada. A crise desse modelo se dá justamente quando os sindicatos de países mais desenvolvidos, por estarem bem organizados, começam a cobrar a implementação de melhorias para os trabalhadores, mas isso não significa que o Fordismo tenha acabado, ele somente se transferiu para lugares onde os sindicatos não estão bem organizados e existe uma “flexibilização” das relações de trabalho. Como já observado anteriormente, se o capitalismo já é distópico para as pessoas que trabalham subjugadas pelos modelos de produção do sistema, a distopia daqueles que ficam de fora alcança um nível ainda mais elevado. Existe, portanto, um vínculo entre sistema capitalista e distopia.

Se não é mais possível imaginar um mundo em que não haja capitalismo e democracia, ou ainda, imaginar um mundo sem democracia liberal, e que isso signifique um mundo melhor (FUKUYAMA, 1992, p. 76), o que quer que possa vir além disso é distopia, pois só se poderia pensar em sociedades piores, já que a democracia liberal é o ápice civilizatório. Por outro lado, uma vez que para Claeys (2017), a distopia é um conceito que não existe somente para literatura distópica, pois ela também define experiências reais, geralmente relacionadas a caos, ruína e temor, também se pode pensar que a distopia contemporânea está

ligada ao fato de o capitalismo ter vencido a disputa e vigorar como ordem mundial incontestável, mas não resolver os problemas sociais que ele mesmo cria e criou ao longo do percurso, e ainda, aprofundá-los cada vez mais. Trata-se de um sistema que sempre se constituiu, desde os primórdios, como distopia, pela forma como durante o seu desenvolvimento vem deixando milhares de vulneráveis à ruína. Seja qual for a aparência com que se apresente, a sua essência não deixa dúvidas quanto a sua base distópica, por mais que esse sistema “bloqueie a imaginação histórica” dos indivíduos (JAMESON, 2001, p. 92-93). Para Jameson, uma das mais antigas funções da arte é a didática e a pedagógica, que agora enfrenta um novo desafio. Uma vez que o sistema capitalista está com suas bases materiais reconfiguradas, se faz necessário o desenvolvimento de uma cultura política e pedagógica, que ajude os sujeitos a entender os seus lugares nesse “espaço mundial do capitalismo multinacional.” (JAMESON, 1997, p. 79).

3. Os espaços neoliberais em Oryx e Crake

*Sem Cérebro, Sem Sofrimento (com um holograma verde de um
cérebro).*

Siliconsciência.

Vagando de Espaço em Espaço.

Quer Comer da Minha Máquina de Carne?

Administre o Seu Tempo, Deixe o Meu em Paz.

Arabra/Cabranha, quem que te criou?

Experimentos vivos em ação.

Penso, logo invado.

O verdadeiro estudo de A Humanidade É Tudo. (ATWOOD, 2018)

Oryx e Crake (2018), de Margaret Atwood, é um romance distópico em que o Homem das Neves aparece, a princípio, como o único sobrevivente da extinta civilização, após a terra ter sido devastada. A obra é narrada via intercalação entre a sociedade capitalista neoliberal que foi destruída, e o mundo pós-apocalíptico, resultante daquela sociedade, que apresentava uma ideologia neoliberal levada às últimas consequências. Porém, a maneira como se dá esse colapso vai contra as teorias, expectativas e especulações formuladas por quem critica o atual sistema político-econômico, assim, como o formato que vai se desenhando com os novos habitantes, desse mundo pós-apocalíptico. Com a incumbência de cuidar de uma nova espécie criada por Crake, para habitar o novo mundo, os Crakers, esse remanescente segue lutando pela sobrevivência e para entender os acontecimentos que levaram ao seu infortúnio atual. Para esta última tarefa, ele transita pelas suas lembranças, suas relações familiares, afetivas e sociais sempre limitadas pelos espaços formados pelos Complexos e unidades pelos quais passou, quando ainda se chamava Jimmy.

Os Complexos são lugares formadas por corporações multinacionais, onde os indivíduos vivem segregados de indivíduos de outras corporações, e dos indivíduos que vivem na plebelândia. A plebelândia, por sua vez, é como são chamadas as cidades onde vivem as pessoas que não trabalham nos

Complexos, uma espécie de periferia dos Complexos. Jimmy chegou à vida adulta sem nunca ter ultrapassado as fronteiras dos Complexos que seu pai havia trabalhado, fortemente guardadas por agentes de segurança corpSecorps. O desenvolvimento de pesquisas genéticas ultrassecretas, financiadas por elites financeiras, via corporações, exige a segregação das pessoas que vivem nos Complexos, de forma a assegurar que informações não sejam compartilhadas, e que não haja atentados, que possam prejudicar ou destruir pesquisas. Nesses espaços, o que prevalece é o isolamento dos indivíduos, que ficam restritos às Corporações em que trabalham.

Ao se deparar com o espaço representado por Atwood (2018), talvez não se tenha a percepção de que o atual contexto do sistema capitalista já se encaminha para um desfecho distópico na proporção do apresentado pela autora. As condições para tal ordem já vêm sendo dadas desde que o capitalismo neoliberal começa pouco a pouco a reconfigurar os espaços sociais do sistema. Primeiro, mudando a sua principal fonte de extração de excedente social; para depois, mudar o seu principal meio de produção, como veremos a seguir.

Henri Lefebvre (2000) aponta para o espaço como algo produzido socialmente, portanto, um produto social. Cada nova sociedade vai deixando suas marcas no espaço, que cada vez mais vai se distanciando do espaço-natureza original, devido a ação da sociedade que ao ocupá-lo, o transforma. Sendo assim, o espaço-natureza é uma ficção, um mito, que se tenta apreender na sua autenticidade, mas devido a ação transformadora que ele vai sofrendo, a cada nova sociedade que o ocupa o espaço e o devasta, a busca por esse espaço-natureza se transforma em distopia. (LEFEBVRE, 2000, p. 55).

Segundo Ladislau Dowbor (2020), em *O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais*, “[h]á um desajuste sistêmico na dimensão mundial da economia e a fragmentação do poder regulatório das nações.” (DOWBOR, 2020, p.34). As mudanças que estão ocorrendo na infraestrutura do sistema, ou seja, as mudanças na base produtiva, já apontam para mudanças na sua superestrutura, ou seja, na maneira como os estados nacionais regulam a sociedade.

Dessa forma, está havendo aquilo que Dowbor (2020) chama de “uma redefinição do espaço e do território” (DOWBOR, 2020, p. 33). Isso significa, que

o capitalismo está fazendo um caminho inverso daquele percorrido no seu período de consolidação, descrito por Hobsbawm (1982), em *A era do capital*. Naquele momento, descrito pelo autor, o sistema precisava de Estados fortes que regulassem as relações de mercado, em prol da “ordem e do progresso”. Foi dessa forma que surgiram Estados como Alemanha e Itália, países unificados com esse intuito, de fazer frente a um sistema que exigia todo um arcabouço jurídico e estatal para defender os interesses da classe industrial. Somente assim, através de uma regulação que primasse pelo respeito aos contratos, poderia se privilegiar a propriedade privada. E era por meio da regulação dos Estados que os industriais podiam obter medidas protecionistas para seus produtos. Vale lembrar, que essa questão é importante para se pensar o debate sobre a nacionalidade, pois somente na década de 60, do século XIX, passa a existir a nacionalidade alemã e italiana, como são conhecidas hoje.

A nova reconfiguração do mundo corporativo, em que as corporações estão organizadas em redes, o que lhes propicia ter influência mundial, não só confere a esse meio corporativo influência econômica, mas política. Segundo Dowbor: “Com a estruturação atual do mundo corporativo, assistimos a um redimensionamento da política, que passa a ser exercida pelas próprias corporações.” (DOWBOR, 2020, p. 34). A estrutura política, que antes era essencial para o desenvolvimento do capitalismo no seu estágio industrial, que precisava de um Estado regulador forte, já não se ajusta mais aos novos meios de produção, cujo principal fator de produção é o conhecimento. Tem-se, portanto, as condições para a produção de um novo espaço social, que tem todas as condições para se tornar algo na direção do espaço representado narrativa de Atwood (2018).

No romance não se percebe a presença do Estado, já que não se fala em governos a frente da administração dos espaços, dessa forma, quem tem o controle são as Corporações, cuja lógica condicionada ao mercado predomina. Como o Estado, a partir de uma ideologia neoliberal, implementada por décadas, já vem se eximindo das suas responsabilidades habituais, como, saúde, educação, lazer e segurança, neste trabalho, os espaços descritos no romance serão discutidos como neoliberais e distópicos. Vale ressaltar, que embora não se saiba se terá uma designação diferente de capitalismo neoliberal o que está se redefinindo como sistema capitalista, foram as teorias neoliberais que

propiciaram o atual estado do sistema. Portanto, as discussões prévias de como surgiu tal teoria, como alcançou tamanha aceitação, são relevantes neste trabalho, para que se faça um paralelo com a obra de Atwood – *Oryx e Crake*, na busca de como se dá a representação dos espaços neoliberais na obra citada.

Na obra, o Estado foi suprimido de forma que não é mais considerado algo importante votar (ATWOOD, 2018, p. 66). O que aparece regulando todo tipo de relação, são as corporações. São elas as responsáveis por promover, ou não, serviços aos seus empregados. Dessa forma, as pessoas ficam segregadas ao espaço oferecido pela corporação a que “pertencem”. A citação a seguir descreve o momento em que o pai de Jimmy muda de emprego, e consequentemente, o menino muda de escola:

O complexo Helth Wyzer não só era mais novo do que o OrganInc como também era maior. Ele tinha dois shoppings em vez de um, um hospital melhor, três clubes de dança, e até um campo de golfe. Jimmy foi matriculado na escola pública Helth Wyzer, onde a princípio não conhecia ninguém. (ATWOOD, 2018, p. 57)

As pessoas passam a pertencer a essas corporações, de forma que, como existe toda uma rede de serviço dentro dos Complexos, não há necessidade de sair de dentro deles, somente em casos de muita necessidade, como aparece na descrição abaixo:

O pessoal do complexo não ia às cidades a não ser que precisassem ir, e nunca sozinhos. Eles chamavam as cidades de plebelândia. Apesar dos cartões de identificação de impressões digitais usados por todos, a segurança pública na plebelândia era falha: havia pessoas transitando nesses lugares que eram capazes de falsificar qualquer coisa, e que poderiam ser qualquer um, sem falar na escória – os viciados, os assaltantes, os mendigos, os malucos. Então era melhor que todos das Fazendas OrganInc morassem em um mesmo lugar, com segurança total. (ATWOOD, 2018, p.36)

Ainda, o que faz parte sistema público é considerado de péssima qualidade, não só na área da segurança, como aparece acima, mas também na área da educação: “Se Jimmy tivesse estudado em uma escola de módulo, ou – melhor ainda – em um daqueles lixos que ainda chamavam de ‘o sistema público’, ele teria brilhado como um diamante no esgoto.” (ATWOOD, 2018, p. 166) É uma característica do sistema capitalista, desde sua constituição, e na sequência, com o capitalismo neoliberal, deixar marcas de desenvolvimento

geográfico desigual, muitas vezes como resultado da extração de mais-valia de países que tiveram que adotar o neoliberalismo de forma mais radical, devido a problemas econômicos (HARVEY, 2003, p. 19). Além da mais-valia extraída pelas mudanças estruturais, existe a mais-valia extraída por fluxos internacionais, decorrentes daquelas mudanças estruturais. A aplicação do neoliberalismo enfraqueceu o Estado social, por meio do ajuste estrutural, ao qual países endividados tiveram que se submeter, para receberem ajuda de fundos internacionais, e que também foi seguida por países capitalistas, onde prevaleceram as políticas econômicas neoliberais. Países endividados tiveram que entregar ativos à empresas estrangeiras, por valores ridículos, não importando quão graves seriam as consequências para as suas populações. As populações locais, prejudicadas por esses processos, tentam muitas vezes se rebelar, mas acabam sendo massacradas. É a partir do enfraquecimento do Estado, enquanto provedor de um bem-estar social, que se faz necessário reforçar as intervenções na área da segurança, apelando-se muitas vezes para coerção (WACQUANT, 1999).

O que pode causar estranheza, o fato de, na narrativa não se perceber a presença de Estados nacionais, ou mesmo de nacionalismos, se desfaz quando se analisa o período de consolidação do capitalismo de Hobsbawm (HOBBSAWM, 1982, p. 105), e se percebe como o sistema foi capaz de reconfigurar o mapa da Europa com o surgimento de nações como a Alemanha e a Itália, entre outras, antes divididas em reinos. O movimento nacional daquela época não envolvia as camadas mais baixas dos povos em questão, e sim, era projeto de elites com interesses políticos e econômicos. Para Lefebvre, a definição de nação como algo dado, por questões que envolvem fronteiras naturais, é algo que dá às burguesias a condição de legitimar como realidade os seus Estados nacionais:

Mais que uma “realidade substancial”, ou que uma pessoa moral, a nação não seria mais que uma ficção projetada pela burguesia sobre suas próprias condições históricas e sua origem, de início para os engrandecer no imaginário, em seguida para eclipsar as contradições de classes e conduzir a classe operária consigo a uma unidade fictícia. A partir dessa hipótese, é fácil reduzir as questões nacionais e regionais à questões lingüísticas e culturais, de importância secundária. O que conduz a um certo internacionalismo abstrato. (LEFEBVRE, 2000, p. 162,164)

Como se pode pensar na questão da nação e do nacionalismo? No período de consolidação do sistema, por questões políticas e econômicas. Já se discutiu aqui que está ocorrendo uma redefinição do espaço e do território, e que o sistema está fazendo um caminho inverso ao que fez no passado, em que precisava de Estados nacionais fortes para fazer a regulação de mercado. Nessa redefinição, a política está sendo definida pelas corporações, que não só não precisam mais de regulação de Estados nacionais, mas também, esses Estados se tornaram incompatíveis com os novos meios de produção. Portanto, se as corporações estão suplantando as nações, no que se refere ao poder político, elas não precisam mais das classes subalternas para construir uma unidade, pelo menos não nos termos que foram construídas no passado. Para Hobsbawm: “[h]avia uma diferença fundamental entre um movimento para fundar estados-nações e o ‘nacionalismo’. O primeiro era um programa para construir um artifício político que reclamava basear-se no último.” (HOBBSAWM, 1982, p. 103).

O fato de não se distinguir governos nacionais para reger a vida dos habitantes dos Complexos, não deixa claro de como se chegou a isso, e se esse processo foi algo muito conturbado. Sabe-se que houve um momento de caos, quando se fala do tempo passado, mas também não fica datado que tempo foi esse:

Fora dos muros e portões e refletores da OrganInc, as coisas eram imprevisíveis. Dentro, elas eram do jeito que costumavam ser quando o pai de Jimmy era criança, antes de a situação ficar tão séria, pelo menos era isso que o pai de Jimmy dizia. A mãe de Jimmy dizia que era tudo artificial, que era apenas um parque temático e que nunca se poderia trazer de volta os velhos tempos, mas o pai de Jimmy dizia por que reclamar? Você podia andar lá sem medo, não podia? Dar uma volta de bicicleta, sentar num café ao ar livre, comprar uma casquinha de sorvete? Jimmy sabia que o pai tinha razão, porque ele mesmo tinha feito tudo isso. (ATWOOD, 2018, p. 36)

O que se pode pressupor de uma experiência como essa, baseia-se na dimensão que está tomando, na atualidade, o fato de as governanças políticas nacionais não terem mais como dar uma resposta aos interesses da população que as elegem, mas sim, prestarem contas ao mercado. Os governos não controlam os recursos para promover desenvolvimento, nem políticas públicas,

o que leva ao caos político e econômico, e abre caminho para que discursos demagogos de extrema direita entrem em cena, como se fosse possível resgatar a grandeza de outrora construindo um muro. Ainda, pode-se pensar em como um deslocamento desse porte mexe com a vida das pessoas, como já fez no passado, quando se estruturava o capitalismo das nações, e milhares de pessoas tiveram que deixar o seu lugar de origem em busca de melhores condições de vida. Nessa nova configuração, o capitalismo das nações, desenvolvido ao longo do processo de globalização, é incompatível com uma economia planetária, pois é limitado por uma regulação nacional:

[...] Mas hoje podemos dizer que o capitalismo das nações está desaparecendo do mapa porque o processo decisório se deslocou para essa rede monstruosa e cheios de tentáculos que são os gigantes corporativos instalados dentro dos próprios governos nacionais – e pouco vinculados aos interesses das nações onde se instalam. (DOWBOR, 2020, p. 86)

Nesse contexto, pode-se pensar, na atual conjuntura do sistema, sobre a relevância do voto. Até que onde vai sua força? Governos que se elegeram com um projeto social como a Grécia, não puderam implantá-lo, ficaram impossibilitados de romper com o rentismo financeiro. E o caso do Brasil, que teve um governo eleito legitimamente destituído, por tentar baixar juros abusivos.

O sistema já se encaminha para constituir espaços como os representados na obra *Oryx e Crake*, espaços em que o poder político é exercido por corporações sem nenhum tipo de proteção do Estado ou liderança governamental:

Mas os pais de todo mundo reclamavam dessas coisas. *Lembra quando se podia andar por toda parte? Lembra quando todo mundo morava na plebelândia? Lembra quando se podia viajar para qualquer lugar do mundo sem medo? Lembra as cadeias de hambúrgueres, sempre de carne de vaca, lembra as carrocinhas de cachorro-quente? Lembra de antes de Nova York ser Nova Nova York? Lembra de quando era importante votar? Esse tipo de conversa era comum. Ah, era tudo tão bom. Agora eu vou entrar no pacote de Twinkies. Nada de sexo esta noite!* (ATWOOD, 2018, p. 65,66, grifo da autora)

Como o capitalismo está se deslocando, e talvez se tornando outra coisa que ainda não tem nome, é natural que esta nova sociedade produza os seus espaços. Na narrativa, quem não mora em Complexos, mora na “plebelândia”,

o “mundo fora dos complexos”, segregado por fortes barreiras de segurança. Porém, essa segurança é atribuição dos agentes da corpSecorps, que trabalham para as Corporações, de forma a manter os espaços isolados uns dos outros, defendendo os interesses corporativos, como fica claro no texto:

Mesmo assim, os homens do corpeSecorps – aqueles que o pai de Jimmy chamava de nosso pessoal –, esses homens tinham que estar em alerta constante. Quando havia tanta coisa em jogo, ninguém podia saber o que o outro lado podia tentar, ou os outros lados. O outro lado, ou os outros lados: não era só um lado que você tinha que vigiar. Outras empresas, outros países, diversas facções e conspiradores [...] (ATWOOD, 2018, p. 36)

Embora na narrativa, o capitalismo tenha se transformando em algo novo, pode-se pensar em como ficam as classes sociais nesses espaços que estão sendo produzidos. Para Lefebvre (2000), a luta de classes interfere na produção do espaço, pois são elas que mostram as diferenças nos espaços produzidos (LEFEBVRE, 2000, p. 88). No caso da obra de Atwood, os espaços produzidos, são espaços de segregação social, pois os indivíduos dos complexos vivem isolados:

[...] Não havia muito o que fazer nos Complexo da HelthWyzer depois da aula, ou em qualquer outro Complexo, pelo menos para os garotos da idade deles, nada para se fazer em grupo. Não era como na plebelândia. Lá, segundo diziam, os garotos corriam em bandos, em hordas. Eles esperavam um dos pais sair e aí detonavam – enchiam a casa de gente, ouviam música bem alto, bebiam, fumavam, trepavam com qualquer coisa, inclusive o fato da família, quebravam a mobília, tomavam drogas. Tinha mais glamour, pensou Jimmy. Mas nos Complexos a fiscalização era severa. Patrulhas noturnas, toque de recolher para mentes em desenvolvimento, cães farejadores atrás de drogas pesadas. [...] (ATWOOD, 2018, p. 74, 75)

Um exemplo desse isolamento é a ideia que Jimmy tem, até então, da plebelândia, como um lugar em que predomina o caos; uma ideia preconcebida, já que ele nunca estivera lá. Para ele a realidade se limitava a realidade dos complexos: “[m]as ele não precisava se desculpar com Crake. Ele também tinha sido criado nos Complexos, portanto conhecia a realidade.” (ATWOOD, 2018, p. 75).

É inegável que desde que o capitalismo se estabeleceu como sistema de produção, começou a produzir um espaço diferente do espaço produzido anteriormente. Isso se deve a alteração nas forças produtivas que ele implantou.

A afirmação do capitalismo como sistema econômico vai se concretizar a partir do momento em que o desenvolvimento tecnológico torna-se compatível com os meios de produção, por essa razão, não se dissocia capitalismo de tecnologia neste trabalho, assim como não se dissocia utopia tecnológica de utopia capitalista, como sugere Clayes (2017). As mudanças nas forças produtivas não alteraram somente o cenário das cidades, ou mesmo formaram cidades que não existiam, deslocando as massas do campo; elas alteraram as relações sociais como um todo, uma vez que o espaço é um produto social, resultados das relações sociais que são de exploração. Segundo Lefebvre (2000), a prática do capitalismo industrial dissimula o tempo do trabalho social e o trabalho produtivo que as mercadorias contém. O seu fetiche, o fetiche da mercadoria, não está na fruição que proporcionam, mas em mentir sobre a sua origem, em dissimular as relações sociais que estão por trás da satisfação e das necessidades satisfeitas (LEFEBVRE, 2000, p. 121).

Com a delegação de atividades antes estatais ao mercado, grandes conglomerados se formaram. A partir disso, se forma uma cadeia de investimentos que não atende mais as demandas de produção, mas sim, a demanda de seus investidores, cujo principal objetivo é o lucro sem o desgaste de ter que produzir. Portanto, a principal fonte de extração de excedente social que o neoliberalismo implanta é o rentismo. O sistema introduz uma forma que faz acelerar o enfraquecimento das estruturas políticas estatais, pois segundo Dowbor:

[...] há um desajuste radical entre o mundo financeiro e as velhas instâncias reguladoras. Instalou-se um caos financeiro planetário, com o impacto fundamental de que se ganha mais dinheiro com aplicações financeiras, basicamente especulação, do que com investimentos produtivos. (DOWBOR, 2020, p. 17).

Via sistema financeiro rentista, extrai-se dinheiro inclusive de empresas produtivas, que vai parar nas mãos daqueles que não produzem nada, por ser mais rentável e seguro fazer aplicações financeiras do que investir em produção. O conceito de liquidez no estágio atual do sistema, não passa de um sinal emitido por cartão magnético. As corporações podem contar com paraísos fiscais, pois quando se fala em velhas instâncias reguladoras, refere-se aos Estados

nacionais, limitados em seu poder por um sistema financeiro que é global. A evasão de divisas, dessa forma, é inevitável.

As marcas de desenvolvimento geográfico desigual estão presentes na obra de Atwood, tanto no centro do sistema neoliberal, em que Jimmy se encontra, quanto na periferia. Mesmo no centro do sistema, percebe-se que alguns Complexos gozam de uma reputação maior, fazendo com que exista uma divisão entre Complexos e Complexos secundários.

3.1 Complexos

A demanda por recursos vem excedendo a oferta há décadas em regiões geopolíticas marginais, por isso a seca e a fome; mas muito em breve a demanda vai exceder a oferta para todo o mundo. Com a pílula BlyssPluss, a raça humana terá uma chance maior de sobrevivência.
(ATWOOD, 2018).

Para Lefebvre (2000), a luta de classes influencia na produção do espaço e mesmo no centro do sistema, onde estão os Complexos, é possível perceber as diferenças de classes. Quanto mais importante é o Complexo, mais rígida é a sua segurança; mesmo em se tratando de Complexos educacionais, como é o caso do Instituto Watson-Crick, para onde Crake foi estudar, cuja descrição é dada em uma visita que Jimmy vai fazer ao amigo. Quando Jimmy vai visitá-lo, fica impressionado com o luxo do lugar, chegando a compará-lo com um palácio (ATWOOD, 2018, p. 189), e descreve como teve que passar por uma rígida segurança:

A segurança em Watson-Crick era muito rígida, ao contrário do que acontecia em Martha Graham: deviam ter medo de que algum fanático entrasse e explodisse as melhores cabeças daquela geração; prejudicando assim uma coisa ou outra. Havia dezenas de homens da CorpSe Corps, portando armas de pulverização e cassetetes de borracha; eles usavam a insígnia do Watson-Crick, mas dava para ver que eram de verdade. Eles tiraram a impressão da íris de Jimmy e a verificaram no sistema, em seguida dois truculentos pesos-pesados levaram-no para ser interrogado. Ele adivinhou imediatamente o motivo. (ATWOOD, 2018, p. 187).

Já Jimmy, que era “bom em palavras, mas ruim em números” (ATWOOD, 2018, p. 165), uma característica quase sem valor de troca na disputa por alunos, foi para Academia Martha Graham. O lugar havia entrado em decadência após a morte dos fundadores, liberais abastados (ATWOOD, 2018, p. 177). O desinteresse pelas artes, consideradas sem utilidade, fizeram com que os investimentos passassem para áreas consideradas mais úteis. Já no caminho para seu novo lugar de estudo ele observa o declínio do ambiente, muito próximo da plebelândia, e a sua segurança precária:

[...] Era cercado – Jimmy observou quando o trem parou – pelo tipo mais miserável de plebelândia: armazéns vazios, edifícios incendiados, estacionamentos abandonados. Aqui e ali havia casebres feitos de materiais arranjados – folhas de zinco, tábuas de madeira – e habitados sem dúvida por invasores. Como aquelas pessoas viviam? Jimmy não fazia ideia. No entanto, lá estavam elas. Do outro lado do arame farpado. Dois deles ergueram o dedo médio, para o trem, gritando alguma coisa que o vidro à prova de bala do trem abafou. A segurança no portão da Martha Graham era uma piada, os guardas estavam cochilando, os muros – todos cobertos de pichações – poderiam ser escalados por um anão perneta. [...] (ATWOOD, 2018, p. 176)

Embora tenha ido para um Complexo secundário, para terminar a sua formação, Jimmy foi privilegiado pelo fato de ter tido a oportunidade de estudar em escolas de Complexos por onde seu pai trabalhou, e pelo fato de seu pai ter conhecido o reitor da Martha Graham, e talvez ter exercido uma certa pressão para que o filho fosse aceito. Caso contrário, nem para essa Academia ele teria ido:

Se Jimmy tivesse estudado em uma escola de módulo, ou – melhor ainda – em um daqueles lixos que ainda chamavam de “o sistema público”, ele teria brilhado como um diamante no esgoto. Mas as escolas dos Complexos estavam cheias de genes brilhantes, coisas que não havia herdado de seus pais, tolos e sem graça. E nem tinha ganho pontos extras por ser engraçado. De qualquer maneira, ele agora era menos engraçado: tinha perdido o interesse pela plateia. (ATWOOD, 2018, p. 166)

Enquanto Crake foi estudar no mesmo Complexo que Jimmy porque tinha habilidades e talentos que eram valorizadas pelos Complexos. Jimmy descreve como sendo comum nos Complexos a busca de talentos como os que Crake possuía (ATWOOD, 2018, p. 72). Os alunos, após graduarem-se na escola, eram

disputados pelos Complexos, em um leilão, mas o Complexo para onde iriam dependia das habilidades que possuíam:

Crake foi o primeiro da classe. A disputa por ele foi por parte do rival ComplexoEdu no Leilão de Alunos foi acirrada, e ele foi arrematado por um alto preço pelo Instituto Watson-Crick, se você estudasse lá, o seu futuro estaria assegurado. Era como ir para Harvard antigamente, bem antes de Harvard ter se afundado. (ATWOOD, 2018, p. 165)

A diferença de classes também está representada no lugar para onde cada um vai trabalhar, depois de terminar a sua formação, mostrando que Crake fora para um Instituto que depois lhe proporciona viver em um Complexo importante:

Crake tinha se formado cedo, feito pós-graduação e depois tinha escolhido para onde ir. Ele estava na RejoovenEsense agora – um dos Complexos mais poderosos – e subindo depressa. No início, os dois tinham continuado a manter contado por e-mail. Crake falou vagamente acerca de um projeto especial em que estava trabalhando, algo muito quente. Disse que tinha recebido carta branca; o cartaz dele estava alto entre os figurões. Se Jimmy fosse visita-lo, ele o levaria para conhecer o lugar. O que era mesmo que Jimmy estava fazendo? (ATWOOD, 2018, p. 239)

Enquanto a Academia de Jimmy lhe proporciona ir para um Complexo secundário, o Complexo Anoo Yoo. Quanto mais irrelevante a instituição para o sistema, mais próxima da plebelândia ela fica, assim como acontece com os Complexos secundários, que para Jimmy pareciam fazer parte da própria plebelândia:

[...] ele [Jimmy] arranhou em emprego. Foi num lugar chamado Anoyoo, um complexo secundário situado tão próximo a uma das mais dilapidadas plebelândias que parecia fazer parte dela. Ninguém trabalharia lá se pudesse escolher, foi a impressão que teve ao fazer a entrevista; o que poderia explicar o jeito um tanto abjeto dos entrevistadores. Ele podia apostar que eles haviam sido rejeitados por uma ou duas dezenas de pessoas em busca de emprego antes dele. Bem ele sinalizou telepaticamente para eles, eu posso não ser o que vocês tinham em mente, mas pelo menos sou barato. (ATWOOD, 2018, p. 232, 233)

A relevância dos Complexos está ligada as habilidades que são estudadas ou trabalhadas neles, e fica claro na narrativa, que as artes e as humanidades são encaradas como algo sem valor, sem utilidade. Na narrativa,

a função da linguagem, nos espaços educacionais, precisa ter um viés utilitário, para ter relevância dentro de uma lógica mercadológica:

Então muito do que acontecia na Martha Graham era como estudar latim ou encadernação de livros: agradável a seu modo, mas sem nenhuma utilidade, embora de vez em quando o reitor da faculdade os submetesse a uma palestra chata sobre as artes vitais e seu lugar reservado no grande anfiteatro de veludo vermelho do palpitante coração humano. (ATWOOD, 2018, p. 178).

Ou problemática. Problemática era para pessoas que gostavam de palavras, então foi isso que Jimmy escolheu. Como tudo o mais na Martha Graham, ele tinha objetivos utilitários. Nossos alunos se formam com Técnicas de Empregabilidade, dizia o lema por baixo do lema latino original, que era *Ars Longa Vita Brevis*. (ATWOOD, 2018, p. 178)

Ainda, há uma mudança na produção de um espaço que antes era destinado as artes, e que agora produz algo diferente, algo que tenha alguma relevância nesse sistema, uma vez que a arte não tem mais utilidade. As artes são vistas como algo desnecessário, pois qualquer um, com um computador, pode montar e alterar digitalmente uma obra antiga e recriá-la usando a tecnologia (ATWOOD, 2018, p. 178). Para Lefebvre (2000) as forças produtivas se desenvolvem em um lugar preexistente, Martha Graham foi elaborada a partir da vontade, pensamento coletivo e das forças produtivas de outra época, mas os espaços se produzem e se reproduzem em conexão com as forças produtivas, que agora são outras (LEFEBVRE, 2000, p. 117).

Trata-se de uma sociedade que produz um espaço em que a arte não tem mais lugar, a arte não faz mais parte dos espaços produzidos por essa sociedade. Isso é algo que nenhuma sociedade produziu, espaços sem arte. É inegável que a arte mudou ao longo do tempo, nos espaços que foram sendo produzidos por novas sociedades, até ser transformada em mercadoria, como acontece na era tecnológica. Porém, nunca havia deixado de existir; nenhuma sociedade havia produzido um espaço sem arte, como acontece em Oryx e Crake.

Quando Jimmy passa a trabalhar em um complexo, vai trabalhar com publicidade, que é a forma de dar uma utilidade para a linguagens e as artes, dentro do sistema. Como seu capital cultural não é dos mais valorizados, ele percebe que na hierarquia corporativa era “um burro de carga” (ATWOOD, 2018,

p. 235). Em outro momento da narrativa, ele fala a respeito do trabalho na AnooYoo:

[...] Os memorandos da diretoria dizendo que ele tinha feito um bom trabalho não significavam nada para ele porque haviam sido ditados por semianalfabetos; eles apenas provavam que não havia ninguém no AnooYoo que fosse capaz de apreciar o quanto ele havia sido inteligente [...] (ATWOOD, 2018, p. 235)

Essa relação com a linguagem aparece durante toda a narrativa, como quando ainda era muito jovem e ele fazia sucesso encenando as brigas dos pais usando as mãos como se fossem marionetes. Ao se referir aos amigos ele diz: “Alguns deles tentavam desenhar olhos em seus próprios dedos, mas não eram bons nos diálogos” (ATWOOD, 2018, p. 63).

Se a linguagem é um produto social, da interação dos indivíduos com o mundo e com o outro, a maneira limitada como é descrito o seu uso, diz muito sobre os espaços em *Oryx* e *Crake*. Para Marx:

Mas não se trata de uma consciência que seja de antemão uma consciência “pura”. Desde sempre pesa sobre o “espírito” a maldição de estar “imbuído” de uma matéria que aqui se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, numa palavra, sob a forma da linguagem. A linguagem é tão velha como a consciência: é a consciência real, prática, que existe também para outros homens e que portanto existe igualmente só para mim, e tal como a consciência, só surge com a necessidade, as exigências dos contatos com os outros homens. (MARX, 1999, p. 34)

Em uma economia de mercado a relevância da linguagem está em vender aquilo que é produzido, ajudando a despertar o desejo dos consumidores por essas mercadorias. Jimmy fala do uso da linguagem como estratégia de convencimento:

[...] De vez em quando, ele inventava uma palavra – *flexibilismo*, *fibracidade*, *feromonimal* –, mas nunca foi apanhado. Seus proprietários gostavam desse tipo de palavras na letra miúda das embalagens porque elas soavam científicas e tinham um efeito de convencimento. (ATWOOD, 20108, p. 235)

A linguagem passa a se resumir ao seu papel mercadológico, de convencimento das massas de que elas precisam consumir a última novidade desenvolvida por uma das corporações.

Para entender como e porque os espaços na narrativa são constituídos dessa forma, é necessário verificar como funcionam as forças produtivas, Pois são elas que permitem que cada sociedade produza seu espaço de acordo com as relações e os modos de produção (LEFEBVRE, 2000, p. 134, 135). As forças produtivas englobam os meios de produção e as forças de trabalho humano. Ora, já foi considerado que os meios de produção estão modificados, isso implica que um novo espaço está sendo produzido.

Jimmy descreve como era o trabalho e o projeto de seu pai dentro de um desses complexos, que embora tivesse o nome de Fazendas OrganInc, nada tinha em comum com as fazendas que ele vira em fotos:

O objetivo do projeto porcão era cultivar uma variedade de tecidos de órgãos humanos, inteiramente seguros, em um incrível porco transgênico hospedeiro – órgãos que poderiam ser facilmente transplantados, sem rejeição, mas que também fossem capazes de resistir a ataques de micróbios e vírus oportunistas, que cresciam de número a cada ano. Um gene de amadurecimento rápido foi introduzido de modo que os rins e fígados e corações do porcão ficassem prontos mais depressa, e agora eles estavam aperfeiçoando um porcão que podia desenvolver cinco ou seis rins de cada vez. Um hospedeiro desses poderia ser privado dos seus rins extras; em seguida, em vez de ser destruído, poderia continuar vivendo e desenvolver mais órgãos, do mesmo modo que uma lagosta podia desenvolver outra garra para substituir a que faltava. Isso seria mesmo oneroso, já que se precisava de muita comida e cuidados para criar um porcão. Tinha sido feito um grande investimento financeiro nas fazendas OrganInc. (ATWOOD, 2018, p. 31)

O trabalho do pai de Jimmy é a pesquisa, ele é genógrafo. A mudança na base material do capitalismo desloca o eixo centrado nas máquinas e na indústria para o conhecimento tecnológico. O capitalismo já era capaz, por meio de uma divisão de mercado e de trabalho, de empurrar fábricas para a periferia do sistema; livrando os grandes centros dos incômodos trabalhistas e ambientais, entre outros, trazidos por esses segmentos da economia. Conforme Dowbor (2020), as máquinas continuam tendo seu papel, mas não são mais o “eixo estruturante” do sistema. (DOWBOR, 2020, p. 29). O sistema se tornou tecnológico e biológico, no qual a matemática e seus algoritmos têm relevância, e quem, como Crake, tem habilidades com números, tem vantagem. Já Jimmy é depreciado, por não ter as habilidades desejáveis:

Nada que ele conseguisse realizar era certo ou suficiente. Segundo os critérios de avaliação da OrganInc para matemática, química ou biologia aplicada, ele devia ser mediocrementemente normal: talvez por isso seu pai tivesse parado de dizer que ele poderia sair-se muito melhor se fizesse um esforço, e tivesse passado a elogia-lo como se ele tivesse problemas mentais. (ATWOOD, 2018, p. 54)

Paul Virílio (1996), citado anteriormente, já apontava para o impacto da tecnologia na fisiologia e, portanto, na percepção que se tem do mundo, pois os corpos ajustam a sua energia vital as novas tecnologias. A colonização já é uma prática conhecida, mas com esse deslocamento do capitalismo, via tecnologia, o sistema consegue colonizar aquilo que o autor chama de intraestrutura. A mulher que trabalha com o pai de Jimmy, Ramona, é um exemplo dessa reconstrução fisiológica, da colonização do corpo. O corpo é o vetor do conhecimento, sendo assim, esse corpo precisa ser ajustado; para ser o vetor do conhecimento que é valorizado pelo sistema, ele não deve acumular coisas desnecessárias:

[...] Ramona era considerada um gênio tecnológico, mas falava como uma garota de anúncio de espuma de banho. Ela não era burra, como dizia o pai de Jimmy, apenas não queria gastar seus neurônios com frases longas. Havia um monte de gente assim na OrganInc, e nem todas eram mulheres. Era porque elas eram pessoas de números e não de palavras, dizia o pai de Jimmy. Jimmy já sabia que ele mesmo não era uma pessoa de números. (ATWOOD, 2018, p. 34)

Ainda, pode-se pensar em que novo espaço é produzido a partir dessas novas relações sociais, centradas no conhecimento, cujo vetor é o corpo. Cada sociedade teve um eixo principal ao estruturar sua política e sua relação de produção: sociedades agrárias, a terra; a sociedade industrial, seus meios de produção, validado pelo direito à propriedade privada. Os espaços produzidos em *Oryx* e *Crake* mostram as novas relações em que o principal fator-chave de produção é aquilo que Dowbor (2020) chama de imaterial:

Temos um fator de produção dominante imaterial, o conhecimento; a capacidade de seu armazenamento e tratamento, a informática; e também a conectividade planetária para tornar esse fator de produção disponível instantaneamente em qualquer ponto do planeta e para qualquer pessoa. Isso, em termos de organização econômica, social e política é muito maior do que apenas mais uma etapa do capitalismo industrial. (DOWBOR, 2020, p. 32, 33).

Fazendo uma analogia com as sociedades agrárias e a sociedade industrial, o que mostram essas novas relações sociais? Ora, nas sociedades agrárias era preciso cercar a terra, delimitar as propriedades. Na sociedade industrial era preciso defender a propriedade privada dos meios de produção, murar as fábricas, e para tanto, colocar uma portaria com guarda. O que está enclausurado nessa sociedade é o corpo, vetor do conhecimento, que não pode escapar do controle das grandes corporações. Não se ignora aqui que a terra continue cercada e a fábrica murada, mas já não são mais o eixo estruturante do sistema. O conhecimento, diferente da terra e das máquinas é um bem imaterial, segundo Dowbor:

O conhecimento é um bem imaterial. É fluído, navega quase na velocidade da luz, e pode ser infinitamente apropriado, sem custos adicionais. A base material do que conhecíamos como capitalismo industrial, se transforma. (DOWBOR, 2020, p. 29)

A mãe de Jimmy, Sharon, é alguém cujo corpo é vetor de um conhecimento caro dentro da lógica desse sistema, e tida como uma pessoa muito inteligente:

Houve uma época que a mãe de Jimmy tinha trabalhado nas Fazendas OrganInc. Foi assim que sua mãe conheceu seu pai: ambos tinham trabalhado no mesmo Complexo, no mesmo projeto. Sua mãe era uma microbiologista: o trabalho dela era estudar as proteínas das estruturas biológicas nocivas para os porcos, e modificar seus receptores de tal forma que elas não se juntassem com os receptores das células dos porcos, ou então desenvolver drogas que agissem como bloqueadores. (ATWOOD, 2018, p. 37)

Porém, é um corpo que se rebela. Ela não está mais disposta a trabalhar no Complexo, e passa a ficar em casa com o filho. Isso é algo que causa estranheza e preocupação, o pai de Jimmy tentou levá-la a um especialista, mas não obteve sucesso. (ATWOOD, 2018, p. 33, 34). A mãe de Jimmy, diferente dos demais habitantes dos Complexos, não os encara como fortalezas para resguardar os bons dos maus, ela os vê como prisão:

- Então é para meu próprio bem? – ela disse. Estava cortando uma torrada em cubos perfeitos, bem devagar.
- Para o nosso próprio bem. Para nós.
- Bem, acontece que eu discordo.

– Isso não é novidade – disse o pai de Jimmy. Segundo a mãe de Jimmy, seus telefones e e-mails estavam grampeados, e os faxineiros musculosos e lacônicos da HelthWyzer que vinham duas vezes por semana – sempre em pares – eram espiões. O pai de Jimmy disse que ela estava ficando paranoica, e além do mais eles não tinham nada a esconder, então por que se preocupar com isso? (ATWOOD, 2018, p. 57)

Esse corpo não quer ser como aqueles corpos que ajustam a sua energia vital as novas tecnologias, é um corpo que se rebela, que fuma: “[a]i quem sabe você parasse de fumar, você é uma verdadeira fábrica de enfisema, além disso está sustentando sozinha as companhias de tabaco.” (ATWOOD, 2018, p. 60). Muito provavelmente, ela está certa ao se sentir espionada, pois ao, talvez, ser a única pessoa dentro de um Complexo a manter essa prática, o tabagismo, demonstra angústia e insatisfação, como a própria personagem declara: “[e]u fumo porque estou deprimida. As companhias de tabaco me deprimem, você me deprimi, o Jimmy me deprime, ele está virando um...” (ATWOOD, 2018, p. 61). Esse é um corpo que deve ser vigiado.

Não é que nessa nova configuração do sistema, exista real preocupação com a saúde das pessoas, pois há, sim, um grande consumo de drogas, mas são as drogas que são produzidas dentro dos Complexos e geram grandes lucros. Um exemplo disso são as biotecnologias destinadas a substituir pele velha por pele nova:

[...] Não que já houvessem encontrado um método totalmente eficaz: os poucos voluntários esperançosos que se haviam apresentado, sem pagar nada, mas desistindo do direito de acionar a companhia, tinham saído parecendo alienígenas – com uma tonalidade desigual, marrom-esverdeada, e a pele descascando. (ATWOOD, 2018, p. 59)

Nesse deslocamento do sistema capitalista, a indústria, como é o caso da indústria do tabaco, não é mais o eixo principal da sociedade, como acontece com as pesquisas em biotecnologia. Esse tipo de base produtiva, agrária e industrial, foi mandada para a periferia.

A mãe de Jimmy rebela-se contra o sistema, e foge. Aproveitou-se do fato de o dentista do complexo ter infartado e ainda não ter chegado um substituto. Assim teve a desculpa de usar um profissional de fora. Mas a insubordinação desse corpo nunca é esquecida. A mulher seria perseguida até ser encontrada,

dessa forma, a perseguição a esse corpo dissidente afetou a vida do pai de Jimmy:

Depois que o pai de Jimmy voltou de para onde quer que tenha sido levado, ele passou a fazer terapia. Ele parecia estar mesmo precisando, o rosto dele estava verde e os olhos vermelhos e inchados. Jimmy também fez terapia, mas foi uma perda de tempo. (ATWOOD, 2018, p.67)

Assim como, em vários momentos da vida de Jimmy, os seguranças das Corporações aparecem para interrogá-lo sobre sua mãe. Essa insubordinação por parte da mãe rendeu ao filho um estigma:

[...] A história de sua mãe dissidente tinha seguido Jimmy por toda parte como um cachorro indesejado, e era provavelmente responsável por seu péssimo desempenho no Leilão de Alunos. Ele não era confiável, era um risco para a segurança, tinha uma mancha. (ATWOOD, 2018, p. 174)

Quando finalmente ela é capturada, é fuzilada: “fuzilamento só era usado em casos de traição, para o resto usava-se gás, ou enforcamento, ou combustão do cérebro.” (ATWOOD, 2018, p. 245). A mãe participava dos protestos que bloquearam a sede da Happicuppa, um café geneticamente modificado. O corpo dissidente foi destruído, pois é considerado traidor. Uma punição exemplar é aplicada aos corpos que são vetores do principal fator de produção desse sistema e resolvem se rebelar.

O próprio Crake deixa dúvidas em relação à morte do seu pai, mostrando que o caso da mãe de Jimmy não é o único, quando fala sobre as circunstâncias que envolveram a morte do pai:

– Meu pai fez a mesma coisa – disse Crake. – Ele também deu o fora.
 – Eu achei que tivesse morrido – disse Jimmy. Era só isso que ele tinha arrancado de Crake até então: o pai morreu, ponto final, vamos mudar de assunto. Crake não queria falar sobre isso.
 – Foi isso que eu quis dizer. Ele atravessou uma ponte na plebelândia. Era hora do rush, então quando conseguiram alcançá-lo ele tinha virado picadinho. [...] (ATWOOD, 2018, p 174, 175)

Porém, mais tarde, Crake ao conversar novamente sobre o assunto com Jimmy, não deixa dúvidas quanto ao fato do pai ter sido assassinado, assim como as razões que levaram a Corporação em que trabalhava a proceder de tal maneira:

- As melhores doenças, sob o ponto de vista comercial – continuou Crake –, seriam aquelas que causassem enfermidades prolongadas. O ideal – isto é, para obter o máximo de lucro – é que o paciente fique curado ou morra antes do dinheiro acabar completamente. É um cálculo refinado.
- Isso seria realmente uma maldade – disse Jimmy.
- Era isso que o meu pai pensava – disse Crake.
- Ele sabia? – Agora Jimmy estava realmente prestando atenção.
- Ele descobriu. Foi por isso que eles o jogaram da ponte.
- Quem jogou? disse Jimmy.
- Para ser atropelado.
- Você está ficando paranoico?
- Nem um pouco – disse Crake. – Essa é a mais pura verdade. Eu li os e-mails do meu pai antes que eles limpassem o seu computador. As provas que ele estava reunindo estavam todas lá. Os testes que estava fazendo com os comprimidos de vitaminas. Tudo. (ATWOOD, 2018, p. 200)

Quando Crake convida Jimmy para fazer parte do seu projeto na unidade Paradise, do Complexo RejoovenEsense, fala sobre o que acontece com quem tenta subtrair algo que tenha sido desenvolvido na Corporação em que trabalha:

- E se eles tentarem uma sabotagem, ou...
- Fugir? Sim – disse Crake. – Uma dois fizeram isso no início. Não sabiam atuar em equipe. Acharam que podiam levar o que tinham feito aqui, se esconder ou se estabelecer em outro lugar.
- E o que você fez?
- Eles caíram de passarelas na plebelância – disse Crake.
- Isso é uma piada? (ATWOOD, 2018, p.283)

Dessa forma, os espaços em *Oryx e Crake* (2018) são coercitivos, mesmo para aqueles que habitam os complexos mais importantes. A liberdade defendida pelos agentes de segurança, é a liberdade de mercado e das corporações. Quem promove a segurança dos Complexos é a CorpSeCorps, e não por acaso tem esse nome, já que representa bem a função de uma exército que vigia os corpos, ou os cadáveres, como muitas vezes é o caso.

Os conhecimentos científico em *Oryx e Crake* são desenvolvidos nos Complexos, e torna-se propriedade das corporações, que detém o poder econômico para desenvolver as pesquisas. Isso não só impossibilita que pesquisas voltadas para o bem estar da população que não tem dinheiro sejam desenvolvidas, mas também influencia no que vai ser desenvolvido. Toda tecnologia que é criada nos espaços dos complexos é destituída de qualquer função social, somente os interesses do mercado e do lucro interessam,

conforme fica claro em uma discussão entre a mãe e o pai de Jimmy, após ele chegar com a novidade de que seu projeto de neuroregeneração havia dado certo:

– Com os preços cobrados pela NooSkins é sim. Vocês fazem um estardalhaço dos seus produtos e tiram todo o dinheiro delas [pessoas], aí elas ficam sem dinheiro e não recebem mais tratamento. Para você e seus amigos, não importa que elas apodreçam. Você se lembra do que costumávamos conversar, das coisas que queríamos fazer? Tornar a vida melhor para as pessoas, não apenas para as pessoas que tivessem dinheiro. Você costumava ser tão... você tinha ideias na época.

- Claro – disse o pai de Jimmy com uma voz cansada. - Eu ainda tenho, só que não posso bancá-las. (ATWOOD, 2018, p. 60)

O Estado, que é quem poderia fiscalizar tais pesquisas, encontra-se ausente. Por isso, como já citado acima, não existe mais nenhuma relevância no voto, e conseqüentemente, não há de quem se cobrar uma orientação diferente, que não seja o lucro a despeito do bem-estar dos indivíduos. Assim, as corporações estão livres para criar mercados para os seus produtos, e o mercado de uma corporação, que desenvolve drogas e procedimentos que curem pessoas doentes, é pessoas doentes:

– Você se lembra do problema dos dentistas depois que foi fabricado o novo antisséptico bucal? Aquele que substituiu a placa bacteriana por outras amigáveis, que preenchiam o mesmo nicho ecológico, isto é, a sua boca? Ninguém nunca mais precisou de uma obturação, e a maioria dos dentistas foi à falência.

– E daí?

– E daí que você precisa de mais doentes. Ou então... seria a mesma coisa... de mais doenças. Novas e diferentes. Certo?

– Parece lógico – Jimmy disse após alguns instantes. E parecia mesmo. – Mas não estão sempre descobrindo novas doenças?

– Descobrimos não – disse Crane. – Estamos criando, isso sim. [...]

A Helth Wyzer – disse Crane. – Eles vêm fazendo isso [criando novas doenças] há anos. Tem uma unidade secreta que só trabalha nisso. E tem o setor de distribuição. [...] (ATWOOD, 2018, p. 199)

Com a lacuna deixada pelo Estado, o sistema econômico global constituiu uma rede de poder, englobando inclusive, o poder político.

Embora o conhecimento tecnológico, por sua natureza imaterial, possa ser multiplicado sem custos adicionais, pois não gera aquilo que se chama de “custo marginal” na economia; o que se verifica é a tendência do sistema a aplicar a mesma lógica de regular o conhecimento por meio de apropriação

privada, e impor os antigos mecanismos de mercado, como sempre impôs no capitalismo industrial. Pode se dizer que o capitalismo utiliza a mesma lógica de recursos escassos, para um fator de produção cujo uso não gera escassez, “trata-se de um favor de produção cujo uso não reduz o estoque” (DOWBOR, 2020, p. 73). Em economia, o custo marginal é o custo de se produzir cada unidade a mais de um produto. Não há justificativa para a cobrança do uso adicional do conhecimento, pois uma vez que o conhecimento é produzido, não gera custos adicionais. Como toda a base teórica da economia é centrada na ideia de escassez de recursos, o sistema, então, precisa criar uma escassez artificial para justificar a valorização do principal fator de produção. Para poder extrair valor de troca de um fator de produção que é imaterial, é necessário restringir o acesso a esse fator, ampliando a regulação da produção intelectual. É exatamente isso que acontece nos espaços que se situam no centro do sistema em Oryx e Crake. Quando Jimmy visita Crake no Instituto Watson-Crick é levado para ver as pesquisas que estão sendo realizadas pelos alunos. A lógica dos experimentos realizados é fundamentada no mercado e na competição:

– Esses garotos vão se dar bem – Crake disse depois que eles saíram. Os alunos de Watson-Crick ficavam com metade dos royalties de tudo que inventavam lá. Crake disse que isto era um enorme incentivo. – Eles estão pensando em chamá-lo de chickieNob.
[...] – Eles já iniciaram o processo de franquia – disse crake. – Os investidores estão fazendo fila na porta. Eles podem vender mais barato que todo mundo. (ATWOOD, 2018, p. 192, 193)

As pesquisas, já nos espaços de educação formal, são desenvolvidas para a criação de mercados, e para gerar cada vez mais lucro. Também para garantir a perpetuação da reprodução do sistema, através da coerção:

– Por que fazer um cachorro assim? – disse Jimmy, dando um passo para trás. – Quem iria querer um?
– Isso é coisa da corpSecorps – disse Crake. – Trabalho encomendado. Grande financiamento. Eles querem colocá-los em fossos, ou algo do tipo. (ATWOOD, 2018, p. 195)

Os indivíduos inseridos nesse sistema educacional, não questionam o seu papel nem as tarefas que lhes cabem na ordem social. O espaço de educação formal está ligado diretamente ao poder das corporações, deixando claro que já não

existe mais nenhum Estado que se faça presente na mediação entre sociedade e educação, ou mesmo, que regule a forma de como está sendo conduzida a educação dos indivíduos pelos quais ele não se mostra mais de forma alguma responsável. Assim, deixada sob responsabilidade das corporações, a educação é um mercado voltado para a reprodução dessa lógica, e o que restou, do que um dia foi um sistema público, foi sucateado.

Os royalties, a que Crake se refere acima, são uma forma de apropriação privada dos meios de produção imateriais, e, embora os alunos fiquem com metade de tudo que inventam em Watson-Crick, é preciso entender a nova lógica que se apresenta. Assim como o fator de produção industrial passou a ser dominante, e levou a agricultura à transformação, também se percebe a mudança determinada pela incorporação do conhecimento na agricultura e na indústria. Dessa forma, é por meio de um fator de produção intangível que é possível cada vez mais extrair excedente social dos outros fatores de produção. É no centro do sistema, que são desenvolvidas as pesquisas que vão determinar as mudanças nas periferias:

Depois de seguirem para o setor de Neoagricultura. Tiveram que colocar roupas biológicas antes de entrar no prédio e máscaras de proteção, porque o que iam ver ainda não era à prova de organismos biológicos. Uma mulher com uma gargalhada igual à pica-pau conduziu-os pelos corredores.
 – Esse aqui é o mais recente – disse Crake.
 Eles avistaram um objeto grande, bulbiforme, que parecia coberto por uma pele amarelo-esbranquiçada. Saíam dele vinte tubos grossos, e no final de cada tubo havia outro bulbo crescendo.
 – Que diabos é isso? – Perguntou Jimmy.
 – São frangos – disse Crake. – Partes de frangos. Só peitos, neste aqui. Eles têm alguns que se especializam em coxas, doze por unidade também. (ATWOOD, 2018, p. 192)

As transformações, incorporadas pelo conhecimento, na periferia, a exemplo do que acontece nas relações entre centro industrializado e periferia agrária, dentro do capitalismo neoliberal, sempre têm o intuito de extrair excedente social, sem levar em consideração os impactos que podem causar em sociedades periféricas. Um exemplo de impacto, no livro, já foi discutido no episódio sobre o café geneticamente transformado Happicuppa, que levou a morte da mãe dissidente de Jimmy. A lógica é oferecer vantagem para quem está no centro, mas a partir de uma possibilidade de grande exploração de quem

está na periferia. E as vantagens, como já discutido, tem seu preço. Ainda, é preciso dar um tratamento diferente para corpos que são vetores de trabalho intelectual, do que é dado para corpos que são vetores de trabalho físico, pois a produção de um corpo vetor de trabalho intelectual é bem mais difícil de ser medido.

Não há referência se os espaços produzidos em outros países têm a mesma forma dos espaços produzidos nos Complexos descritos na narrativa. Porém, quando Jimmy questiona Crake sobre a eficácia de tudo que estava sendo produzido, obtém a seguinte resposta:

– Muita coisa sim – disse Crake. – É claro que nada é perfeito. Mas a competição é feroz, especialmente dos russos, dos japoneses e dos alemães. E dos suecos. Mas nós estamos mantendo nossa posição, nossos produtos têm a reputação de serem confiáveis. Gente do mundo inteiro vem para cá, eles compram de tudo. Sexo, orientação sexual, altura, cor de pele e de olhos: tudo isso está disponível, pode ser feito ou refeito. Você não faz ideia do volume de dinheiro que muda, de mãos só nesta rua. (ATWOOD, 2018, p. 272)

Essa referência à competição “feroz” entre países por mercados leva a crer que, dada a mudança nas forças produtivas, os espaços produzidos pelo sistema se apresentam da mesma forma, a forma de um mundo dividido por Complexos. O Estado, na ideologia neoliberal, não só deixa de ser um estado que promove a justiça social, intervindo para diminuir as desigualdades, mas também foi sequestrado pelo poder corporativo, passando por cima dos interesses de populações inteiras a favor das corporações. Quando “líderes mundiais” são mencionados, estão associados aos poderes corporativos, de manutenção da ordem política socioeconômica:

Mas com o método Paradise haveria noventa e nove por cento de acerto. Populações inteiras poderiam ser criadas com características pré-selecionadas. A beleza é claro, seria um requisito importantíssimo. E docilidade: diversos líderes mundiais haviam expressado o seu interesse nisso. [...] (ATWOOD, 2018, p. 287)

Existe um lado positivo no fato de o principal fator de produção ser o conhecimento, uma vez que, se tratando do um bem imaterial, seria possível de ser socializado, escapando do controle privado. Porém, não é isso que se observa na narrativa, e nem na forma como esse sistema está se deslocando.

Em *Oryx e Crake*, temos a dimensão da distopia a que esse deslocamento pode levar. O que pode se observar, de fato, na atual conjuntura, é uma luta contra todas as instituições públicas ligadas à produção conhecimento. Segundo Dowbor (2020):

[...] A guerra pelo excedente social, pela riqueza que produzimos, mudou de natureza. A batalha pela hierarquização pelo acesso à educação, a privatização das universidades, o endividamento dos alunos, a oligopolização das revistas científicas, e a perseguição do *open access*, do acesso aberto, fazem parte de um universo de luta que se desloca. O acesso ao conhecimento libera, do ponto de vista das oligarquias, trata-se de controlá-lo. [...] (DOWBOR, 2020, p. 77)

Para Mészáros, a concepção de educação é mais ampla: “a aprendizagem é a nossa própria vida” (MÉSZÁROS, 2008, p. 53). Sendo assim, esses processos de aprendizagem não podem ser restringidos a manipulação e ao controle dos meios formais, no caso, o sistema educacional formal, pois a educação transcende esses meios. A questão é que em *Oryx e Crake*, todos os espaços por onde a vida é mediada são espaços orientados pela lógica do lucro e do individualismo ao extremo. Isso faz com os indivíduos internalizem a legitimidade das metas de reprodução do sistema e sustentem a validade da ordem política socioeconômica de uma forma sem precedentes, o que é um absurdo, pois, “[n]a realidade, é completamente inconcebível sustentar a validade atemporal e a permanência de qualquer coisa criada historicamente” (MÉSZÁROS, 2008, p. 63). Mas, os indivíduos ficam incapacitados de atentarem para o fato de que sistemas econômicos e políticos não passam de criações humanas, em um determinado momento do processo histórico. As instituições educacionais formais em nada contestam essa lógica, pelo contrário, a validam. István Mészáros (2008), já apontava para o fato de que: “a educação formal é a força ideologicamente primária que consolida o sistema do capital” (MÉSZÁROS, 2008, p.45). Para esse autor, os espaços de educação formal promovem os valores para garantia da perpetuação da reprodução do sistema, fazendo com que os indivíduos adotem os valores promovidos nesses meios como seus. Isso garante que esses indivíduos não questionem o seu lugar na ordem social, nem as tarefas reprodutivas que lhes cabem no sistema, como se esse lugar e essas tarefas fossem inquestionáveis.

Se, durante o capitalismo das nações, o conhecimento, não sendo o principal fator de produção, já era voltado para o capital; o que se pode antever de um deslocamento no sistema, que faz com que a mudança na base produtiva faça com que o conhecimento seja o principal gerador do próprio capital? Nesse contexto, existe uma grande possibilidade de que essa sociedade produza um espaço distópico na proporção do espaço de *Oryx e Crake*. E a forma como, mesmo vivendo no centro do sistema, Crake é leiloadado, mostra que não importa onde se esteja, centro ou periferia, cada indivíduo é mensurado pelo seu valor de troca.

Nos Complexos, os espaços de lazer são basicamente shoppings e o ambiente virtual. Qualquer tipo de atividade grupal não era bem-vista, era considerada perigosa, era coisa da plebelândia; onde os jovens faziam o que queriam, sem nenhum controle. Para Jimmy, que só conhece a realidade dos complexos, cães farejadores, toque de recolher e patrulhas noturnas pareciam algo natural (ATWOOD, 2018, p. 74). Dessa forma, muito tempo livre era usado navegando na rede, assistindo sites de destruição de animais, execuções de pessoas, amputações de membros, apedrejamento de mulheres, suicídio ao vivo e exploração sexual de crianças. A desgraça de pessoas em outros países é a diversão dos jovens nos complexos, entediados pela vida restrita que levam (ATWOOD, 2018, p. 82-83). Os garotos não demonstram nenhuma empatia pelas tragédias de pessoas de outros lugares, que eles nem sabem dizer exatamente onde é. Consequentemente, não tem nenhuma empatia pela realidade que os cercam nas plebelândias.

Conforme as pessoas vão se transferindo de complexo, vão desaparecendo da vida umas das outras para sempre. Isso dificulta que se estabeleçam laços de amizade mais estreitos. Jimmy relembra da colega que era sua parceira no laboratório de Nanotecnologia Bioquímica cujo pai foi transferido para um complexo distante. Quem tomou o lugar da menina foi Crake, e dessa forma, “carteiras eram ocupadas e esvaziadas” (ATWOOD, 2018, p. 73, 77). Nesse contexto, algo como a solidariedade fica inviabilizado, devido ao fato de as amigas serem “contingenciais”, conforme explicitado no romance. Em que impera a exacerbação do individualismo, causado pelos espaços neoliberais aprofundados ao extremo.

Ao ver a figura de Oryx criança, em um site pornográfico, Jimmy sentiu culpa. A menina ao olhar diretamente para a lente da câmera, invadiu a consciência de Jimmy pelos seus olhos:

Oryx fez uma pausa em suas atividades. Ela abriu um sorriso seco que a fez parecer muito mais velha, e limpou o creme da boca. Depois olhou por cima do ombro diretamente para os olhos do espectador – diretamente para dentro dos olhos de Jimmy, para a pessoa secreta dentro dele. *Estou vendo você*, dizia aquele olhar. *Estou vendo você assistindo. Eu conheço você. Eu sei o que você quer.* (ATWOOD, 2018, p. 89, grifo da autora)

Segundo Rüdiger, o ambiente tecnológico, ou ciberespaço, é um meio abstrato, que carece de contexto social. Por isso quanto mais a vida é mediada por esse meio virtual, mais alienados os indivíduos ficam. O resultado é que essa falta de consciência da realidade, empobrece a humanidade. Para esse autor o ciberespaço potencializa o imediatismo e faz com que os sujeitos transcendam sua condição de cidadãos para a de consumidores, uma vez que, é um lugar submetido a exploração mercadológica; portanto, mediado pela lógica capitalista (RÜDGER, 2008, p. 22, 33). Jimmy está alienado pelo ambiente virtual, e por mais horríveis que sejam as cenas que ele assista, nada disso o sensibiliza: “[n]enhuma daquelas garotinhas jamais tinham parecido reais para Jimmy – elas sempre davam a impressão de ser clones digitais -, mas por alguma razão Oryx foi tridimensional desde o começo” (ATWOOD, 2018, p.88). Ele é só mais um consumidor diante da tela, desprovido de qualquer consciência de realidade, pois as suas experiências, principalmente com relação ao que acontece na periferia, são mediadas pela tecnologia. Pode-se pensar na dimensão que isso toma quando o sistema está colapsando, e a mídia cobre o terror dos acontecimentos como se estivesse narrando uma partida de futebol (ATWOOD, 2018, p. 317). Diante de um caos instaurado, do desespero, na cobertura os repórteres classificam a situação como hilária.

3.2 Plebelândia e periferia

Estranho pensar no trabalho incessante, cavar, martelar, escavar, erguer, furar, dia após dia, ano após ano, século após século; e agora

os desmoronamentos incessantes que devem estar ocorrendo em toda parte. Castelos de areia ao vento. (ATWOOD, 2018).

O neoliberalismo tem como principal marca o aprofundamento das desigualdades, e nos espaços produzidos em *Oryx e Crake* não poderia ser diferente. É desta espécie de “periferia do centro do sistema”, a plebelândia, que as classes superiores obtêm certos serviços das classes subalternas, para satisfazerem seus desejos e necessidades:

- Se você tiver muita necessidade, pode conseguir esse tipo de coisa pelo Serviço de Atendimento ao Aluno – Crake disse, com muita formalidade. – Eles deduzem o preço da sua bolsa, do mesmo modo que quarto e comida. As trabalhadoras vêm da plebelândia, são profissionais treinadas. Naturalmente passam antes por um exame de saúde.
- Serviço de atendimento ao aluno? Você está sonhando! Eles fazem o quê?
- Faz sentido – disse Crake. – Como sistema, evita a dispersão de energias em canais improdutivos, e problemas de curto-circuito. As alunas têm igual acesso, é claro. Você pode conseguir gente de qualquer cor e qualquer idade... bem, quase. Qualquer tipo físico. Eles providenciam tudo. Se você for gay ou algum tipo de fetichista, eles cuidam disso também. (ATWOOD, 2018, p. 196)

Mais uma vez, percebe-se o ajustamento dos corpos vetores de conhecimento para que não percam tempo, nem gastem energias, com aquilo que não é considerado produtivo. Enquanto os corpos periféricos, como é o caso dos habitantes da plebelândia, servem para garantir o bem-estar dos alunos que habitam os principais Complexos. Além de prestar serviços às classes dominantes, é na plebelândia que se pode escravizar crianças que são traficadas de países periféricos, onde viviam em condições miseráveis:

Havia os assassinatos políticos de sempre na plebelândia, os mesmos estranhos acidentes, os desaparecimentos inexplicáveis. Ou então escândalos sexuais; os escândalos sexuais sempre deixavam os apresentadores excitados. Durante algum tempo foram os treinadores esportivos com rapazinhos; depois houve uma onda de meninas adolescentes encontradas trancadas em garagens. Aqueles que as deixavam trancadas alegavam que as meninas estavam trabalhando como empregadas domésticas e que haviam sido trazidos dos seus miseráveis países de origem para o seu próprio bem. Ficavam trancadas na garagem para sua proteção, disseram, em sua defesa, os homens – homens respeitáveis, contadores, advogados, comerciantes de móveis de jardim – que foram arrastados aos tribunais. Frequentemente, eles eram apoiados por suas esposas. Essas meninas, disseram as esposas, tinham sido praticamente

adotadas, e eram tratadas quase como se fossem membros da família. Jimmy adorava essas duas palavras: praticamente, quase. (ATWOOD, 2018, p. 240, 241)

Para algumas dessas meninas, não havia nada anormal nessa situação, pois estavam acostumadas a viver em condições extremas. Porém, percebe-se que se trata de escravidão, pois são trazidas para trabalhar, não recebem por isso, e ainda, não podem sair dos lugares para onde foram trazidas, ficando confinadas às garagens das casas. Na plebelândia, os espaços também são marcados por contrastes, evidenciando as lutas de classes:

Jimmy nunca tinha estado na cidade. Ele só a havia visto pela TV – intermináveis cartazes e placas de néon e fileiras de prédios, incontáveis veículos de todos os tipos, alguns deles com nuvens de fumaça saindo da traseira; milhares de pessoas, correndo, gritando, protestando. Havia outras cidades também, perto e longe; algumas tinham bairros melhores, seu pai disse, quase iguais aos complexos, com muros altos cercando as casas, mas estas não apareciam muito na TV. (ATWOOD, 2018, p. 35)

Quando Jimmy já adulto consegue entrar nesse meio proibido, com um passe provisório providenciado por crake, ele percebe as contradições do lugar, com moradores ricos e pobres dividindo os espaços. É nesse lugar de grandes desigualdades que as pesquisas dos complexos são testadas e transformadas em capital:

– É aqui que nossos produtos se transformam em ouro – disse crake.
 – Nossos produtos?
 – O que nós estamos produzindo no Rejoov. Nós e outros complexos voltados para o corpo.
 – Isso tudo funciona? – Jimmy estava impressionado, não tanto pelas promessas quanto pelos slogans: mentes como as dele tinham passado por ali. Seu mau humor da manhã tinha passado, ele estava se sentindo bem animado. Havia tanta coisa nova para ele, tanta informação, que sua cabeça foi inteiramente ocupada.
 – Muita coisa sim – disse Crake. – É claro que nada é perfeito. Mas a competição é feroz, especialmente dos russos, dos japoneses e dos alemães. E dos suecos. Mas nós estamos mantendo nossa posição, nossos produtos têm a reputação de serem confiáveis. Gente do mundo inteiro vem para cá, eles compram de tudo. Sexo, orientação sexual, altura, cor de pele e de olhos: tudo isso está disponível, pode ser feito ou refeito. Você não faz ideia do volume de dinheiro que muda de mãos só nessa rua. (ATWOOD, 2018, p. 272)

Jimmy estranha aquelas pessoas, pois estava acostumado as pessoas dos complexos, que eram mais padronizadas: “[a]ssimetrias, deformidades: os rostos

ali estavam muito distantes da regularidade dos complexos. Havia até dentes estragados. Ele ficou boquiaberto” (ATWOOD, 2018, p. 271).

A narrativa aponta para a plebelândia como um espaço em que o mercado pode se desenvolver plenamente, criando desejos para os produtos desenvolvidos pelas corporações, e tendo contrapartidas econômicas ilimitadas. O sistema capitalista, na sua ideologia mais contemporânea, tem como principal artifício a criação infinita de desejos: “[a] maré do desejo humano, do desejo por mais e melhor, iria vencê-las. Iria assumir o controle e controlar os acontecimentos, como havia feito em todos os momentos de grandes mudanças ao longo da história” (ATWOOD, 2018, p. 279). Portanto, a lógica que se estabelece nas relações dos espaços, é a lógica de exploração de mercado. Há uma aposta, mesmo que os espaços sejam muito desiguais, em que o mercado prevaleça sempre, pela criação do desejo para tudo que as corporações lancem.

A divisão das classes sociais em Oryx e Crake mostra não só como os espaços são desiguais, mas também como são separados fortemente, chegando a fazer referência aos espaços produzidos por uma sociedade feudal:

Muito tempo atrás, na época dos cavaleiros e dragões, os reis e duques viviam em castelos, com muros altos, pontes levadiças e aberturas nas muralhas por onde você podia derramar piche fervendo nos seus inimigos, dizia o pai de Jimmy, e os Complexos tinham a mesma concepção. Os castelos serviam para manter você e seus amigos protegidos do lado de dentro e todas as outras pessoas do lado de fora.
– Então nós somos os reis e duques? – Jimmy perguntou.
– Ah, sem sombra de dúvida – seu pai respondeu, rindo. (ATWOOD, 2018, p. 36)

Ainda, pode-se pensar em uma sociedade que produz espaços em que a mobilidade entre as classes é praticamente inexistente, uma vez que, na narrativa, não aparece um movimento das pessoas que habitam os vários espaços. Crake foi trazido para estudar no mesmo Complexo de Jimmy, mas isso foi resultado de uma caça de talentos entre Complexos. Os únicos exemplos que se tem nessa direção é Oryx, que vem de um país periférico para a plebelândia, e depois foi trazida para um Complexo pela influência de Crake, cuja posição alcançada no sistema, lhe permite tal proeza; e alguns colegas de Jimmy, na Martha Graham, que vieram da plebelândia com bolsas de estudo:

Amanda tinha um apartamento caindo aos pedaços em um dos Módulos, dividido com dois outros artistas, ambos homens. Todos os três vinham da plebelândia, frequentaram a Martha Graham com bolsas de estudo e se consideravam superiores aos privilegiados, fracos e degenerados rebentos dos Complexos, como Jimmy. Eles tiveram que brigar por seu espaço. [...] (ATWOOD, 2018, p. 229, 230)

A luta de classes se lê no espaço (LEFEBVRE, 2000, p. 88). No centro está representada na segregação da plebelândia pelas muralhas dos Complexos. Mas mesmo o espaço se apresentando com essa forma, alguns incidentes acontecem, mostrando a inconformidade daqueles que são deixados do lado de fora, como mostra o relato do pai de Jimmy, sobre um ataque sofrido no complexo para o qual eles recém haviam se mudado:

[...] De qualquer maneira, ele disse, tinha havido um incidente poucas semanas antes de eles se mudarem – algum fanático, uma mulher, com um agente biológico escondido num frasco de spray para cabelo. Alguma combinação maligna de Ebola ou Marburg, um dos hemorrágicos mais resistentes. Ela atacara um guarda que estava sem máscara – desobedecendo ao regulamento – por causa do calor. A mulher foi imediatamente borrifada e colocada num tanque de alvejante, e o pobre guarda foi escovado com HotBioform e trancafiado numa sala de isolamento, onde se dissolveu numa poça de gosma. O estrago não foi muito grande, mas é claro que os guardas estavam nervosos. (ATWOOD, 2018, p. 57)

Nos espaços formados na periferia do sistema, em outros países, a situação é mais crítica ainda. Orix, a mulher que Jimmy amava, foi vendida quando criança para um homem chamado tio Ene. A prática era corriqueira na aldeia pobre em que ela vivia, quando ainda muito criança. O irmão, que havia sido vendido com ela, fugiu depois de ser alertado por outras crianças que seria vendido para um cafetão. As crianças compradas eram mantidas presas e trabalhavam vendendo rosas para o seu dono. Oryx não sabe dizer o nome do lugar de onde veio, mas o descreve como muito pobre, onde turistas de outros países vão buscar sexo barato e proibido. Um lugar em que os agentes de segurança são coniventes com essas práticas ilícitas, pois recebem suborno: “[e]le deu um tapinha no ombro de Oryx e disse a ela para tornar a entrar no carro, e apertou a mão dos soldados, tendo antes posto a mão no bolso e aí os soldados abriram o portão” (ATWOOD, 2018, p.122). Tio Ene tinha uma família, filhos de verdade, que iam à escola (ATWOOD, 2018, P.129). Na periferia do capitalismo é histórico o fato de as classes dominantes domésticas se constituírem explorando as classes

subalternas. No capitalismo neoliberal, isso não é diferente. Mesmo com a desindustrialização que algumas vezes caracteriza esses espaços, sempre há uma forma de extrair excedente social. Porém, pode-se dizer que a desigualdade com o neoliberalismo aumentou em todos os espaços, centrais ou periféricos, de uma forma que se pode afirmar que é uma característica intrínseca do neoliberalismo aprofundar a desigualdade.

Dessa forma, as corporações podem contar com a periferia em outros países, pois é lá que vão encontrar uma massa pronta para testar os seus produtos. Quando Crake apresenta a pílula BlyssPluss, Jimmy questiona sobre quem seriam as cobaias para os testes:

Crake riu. - nos países mais pobres. Basta dar a eles alguns dólares e eles nem sabem o que estão tomando. Clínicas de sexo, é claro. Ficam felizes em ajudar. Prostíbulo, prisões. E nas fileiras dos desesperados, como sempre.
 – Onde é que eu me encaixo?
 – Você vai fazer a campanha publicitária – disse Crake. (ATWOOD, 2018, p. 280)

Tratava-se de uma pílula que serviria para controlar a natalidade, esterilizando as pessoas, mas que poderia ter seus efeitos revertidos caso fosse necessário, como no caso de diminuição excessiva da população de um lugar. No entanto, os testes levaram algumas pessoas à morte, sem falar no fato de que as pessoas não sabiam qual era o real propósito da pílula. Os investidores estavam interessados no desenvolvimento da droga, porque a oferta de recursos era muito menor em países periféricos, e essa realidade, em breve, seria para todos.

Na periferia, a luta de classes também está representada pela distância dessa periferia que pouco pode fazer contra um centro inatingível geograficamente. Houve vários protestos quando uma subsidiária da HelthWyzer desenvolveu o grão Happicuppa, um café geneticamente modificado, que devido ao fato de seus grãos amadurecerem todos ao mesmo tempo, eram cultivados em grandes quantidades e colhidos por máquina. Isso acabou com muitos empregos e trouxe miséria em todo o mundo, mas os exércitos de vários países sufocaram as rebeliões matando os camponeses:

O movimento de resistência foi mundial. Houve conflitos, safras foram queimadas, cafés Happicuppa foram saqueados, funcionários da Happicuppa foram sequestrados ou sofreram atentados à bomba ou

foram mortos a tiros ou surrados até a morte por multidões enfurecidas; e, por outro lado, camponeses foram massacrados pelo exército. Ou pelos exércitos, diversos exércitos; vários países estavam envolvidos. Mas os soldados e os camponeses mortos pareciam muito uns com os outros onde quer que estivessem. Eles pareciam empoeirados. Era incrível a quantidade de poeira levantada durante eventos desse tipo. (ATWOOD, 2018, p. 170, 171)

As guerras são travadas muito distantes do centro do sistema, seguindo o exemplo do que já acontece no seu estágio atual, em que só os peões do jogo tombam, tanto que são muito parecidos entre si. Isso dificulta que haja alguma mudança de fato.

Lefebvre fala de uma produção de espaço em segundo grau da burguesia, que ele chama de elitização, em que indústrias poluentes são exportadas para países menos desenvolvidos, produzindo diferenças internas ao modo de produção (LEFEBVRE, 2000, p. 91,92). Dessa forma, são produzidos espaços de despesa improdutiva, em que um espaço que se opõe ao modo de produção é produzido, uma espécie de oásis, para serem desfrutados somente pelas elites. Nos espaços produzidos em *Oryx* e *Crake*, a elite vive nos complexos mais importantes, onde nem sequer respiram o mesmo ar de quem vive na plebelândia, ou estão sujeitos aos mesmos micro-organismos:

Antes de saírem, Crake havia enfiado uma agulha no braço de Jimmy – uma vacina contra tudo, de curto prazo, que ele mesmo havia produzido. As plebelândias, ele disse, eram uma gigantesca cultura de micro-organismos: havia um bocado de sujeira e plasma contagioso espalhado por lá. Se você crescesse ali dentro, ficava mais ou menos imunizado, a menos que um organismo novo atacasse; mas, se você fosse dos Complexos e pusesse os pés na plebe, virava um banquete. Era como ter uma tabuleta na testa dizendo, Me coma. Crake tinha levado máscaras para eles também, o último modelo, não apenas para filtrar micróbios, mas também para retirar partículas. O ar era pior nas plebelândias, ele disse. Havia mais lixo suspenso na atmosfera, menos torres de purificação de ar espalhadas por lá. (ATWOOD, 2018, p. 271)

Porém, já não se trata de uma diferença interna ao modo de produção, como descrito por Lefebvre, pois não é mais necessário criar um oásis para as elites, em que a maximização do lucro precise ser sacrificada. A mudança das forças produtivas do sistema, permitem conciliar o oásis com o modo de produção. O capitalismo se deslocou porque o conhecimento tecnológico é o principal fator de produção (DOWBOR, 2020, p. 29). Dessa forma, é dentro da segregação dos complexos que o sistema se estrutura e subjuga a plebelândia e a periferia. Para

Lefebvre (2000), o espaço produzido por uma sociedade tem forma e função, na narrativa esta forma está representada na relação centro e periferia apresentada na forma de segregação, e a sua função é garantir a reprodução do sistema.

3.3 Espaço pós-apocalíptico

Prenda-se às palavras – ele diz a si mesmo. As palavras estranhas, as palavras antigas, as palavras raras. Sanefa. Nóxio. Seruaia. Pirilampo. Lascívia. Quando estas palavras saírem de sua cabeça, elas terão ido embora para sempre. Como se nunca tivessem existido. (ATWOOD, 2018).

Francis Fukuyama (1992), em *O fim da história e o último homem*, discute acerca do futuro das democracias liberais; se elas se manteriam indefinidamente, ou se o seu colapso viria de elementos externos ou internos. No caso de um elemento externo, a ameaça viria do perigo trazido pelo fato de vários tipos de tiranias ainda dividirem espaço com as democracias liberais no cenário mundial. No caso de um elemento interno, a ameaça poderia vir de uma erosão interna como aconteceu com o comunismo (FUKUYAMA, 1992, p. 348). Para o autor, a maior ameaça à democracia liberal viria da forma como ela tende a uniformizar a sociedade, ou seja, uma erosão interna, devido aquilo que ele chama de “uma proliferação maciça de ‘direitos’ na última geração” (FUKUYAMA, 1992, p 357). Sendo assim, o problema da democracia liberal é que ela cria uma contradição entre democracia e o desejo de reconhecimento, pois privilegia a igualdade em relação à liberdade. Esse privilégio dado à igualdade iria contra o desejo que é intrínseco ao ser humano, que é o desejo de ser reconhecido como diferente, e que sempre o levou à superação.

Tanto críticos da esquerda quanto da direita apontam para a impossibilidade da satisfação pelo desejo de reconhecimento dentro da sociedade liberal, mesmo que por questões completamente distintas; pois para os críticos da esquerda, o problema está na incapacidade de se aplacar a desigualdade dentro da ordem liberal. Contudo, Fukuyama acredita que as contradições apontadas pela direita, ou seja, o nivelamento da sociedade, seja

a contradição fundamental que pode levar a democracia liberal ao colapso. Segundo o autor:

Porém, embora a desigualdade do reconhecimento de pessoas iguais seja a acusação mais comum à democracia liberal, há razão para pensar que a maioria e, em última análise, mais séria ameaça venha da Direita, isto é, da tendência da democracia liberal para garantir reconhecimento igual a pessoas desiguais. É disso que trataremos agora. (FUKUYAMA, 1992, p. 361)

Mas isso, essa priorização da igualdade, e, conseqüentemente, o fim de guerras e revoluções, seria o fim da história. O último homem, seria um homem que devido a esse contexto, onde a igualdade impera e não existem mais batalhas para serem travadas, não sentiria mais o desejo de reconhecimento, de ser diferente e de procurar a superação. Esse último homem, portanto, estaria somente preocupado com sua autoconservação, não querendo e não precisando arriscar a sua segurança:

Um cão contenta-se em dormir ao sol o dia todo desde que seja alimentado, porque não está descontente com o que é. Não se preocupa em saber se outros cães vivem melhor do que ele, se sua carreira como cão está estagnada, ou se outros cães estão sendo oprimidos em lugares distantes. Se o homem alcança uma sociedade em que conseguiu abolir a injustiça, sua vida será semelhante à do cão. A vida humana envolve um curioso paradoxo: parece precisar da injustiça, pois é a luta contra a injustiça que desperta o que há de mais elevado no homem. (FUKUYAMA, 1992, 374)

Contudo, segundo ele, haveria formas de escapes para esse desejo de ser considerado superior aos demais, como o reconhecimento pela superação de limites físicos, ou o reconhecimento pela descoberta da cura de alguma doença. Porém, a democracia liberal não admitiria mais nenhuma forma de busca pelo reconhecimento que resultasse em tirania. (FUKUYAMA, 1992, p. 385)

Ora, já se discutiu que a principal característica do capitalismo, e da sua versão mais atual, o neoliberalismo, é produzir espaços desiguais e distópicos. O neoliberalismo produziu espaços geograficamente desiguais, e foi uma ideologia que serviu para restaurar o poder das classes dominantes. Está, portanto, muito longe da utopia de igualdade, colocada por Fukuyama (1992). Além disso, a ameaça por parte das ditas tiranias ao mundo neoliberal serviu como pretexto e justificativa para que países fossem subjugados em nome da

democracia, e para que ainda se impusessem ditaduras nas periferias. Portanto, a ameaça das supostas tiranias serviu para justificar as tiranias contra as tiranias. Sendo assim, as previsões das possíveis causas desse colapso, propostas por ele, são muito distintas do cenário atual.

O mundo que é destruído, na representação de Atwood (2018), é o mundo onde os espaços produzidos são desiguais ao extremo. A destruição desse mundo acontece de dentro para fora, mas por razões diferentes das previstas por Fukuyama. O último homem, na narrativa, aprendeu por experiência que a única forma de se obter reconhecimento é tendo o conhecimento que tem valor de troca dentro do sistema. Esse conhecimento, diferente das previsões do autor de *O fim da história e o último homem*, serve para explorar e subjugar, pois segue a lógica de mercado capitalista, independente da natureza imaterial do fator de produção que tem o conhecimento.

Quando Jimmy vai a Watson-Crick, o Complexo importante que havia arrematado Crake, fazer uma visita, Crake o convida a jogar o mesmo jogo da internet dos tempos que estudavam juntos. Jimmy logo percebe que o amigo nunca deixara de praticar o jogo: “*EXTINCTATHON, monitorado por MaddAddão, Adão deu nome aos animais vivos, MaddAddão dá nome aos mortos. Você quer jogar?*” (ATWOOD, 2018, p. 202, grifo da autora). Percebe, pelo símbolo do celacanto em cima do codinome Rednecked Crake, que ele se tornara um Grande Mestre. Crake, então, declara que MaddAddão é um grupo ou grupos, e mostra boletins da CorpSeCorps, relatando vários atentados biológicos:

– Não estou bem certo – disse Crake. – Achei, a princípio, que eles fossem apenas mais uma organização maluca de preservação de animais. Mas tem mais coisa aí. Acho que estão atrás de toda maquinaria. Eles estão atrás de todo o sistema, querem acabar com ele. Até agora, não se meteram com pessoas, mas é óbvio que poderiam fazê-lo. (ATWOOD, 2018, p.204)

O tipo de conhecimento aplicado para praticar os atos descritos nos boletins da CorpSeCorps fazem com que Crake não tenha dúvidas de que são pessoas com conhecimentos desenvolvidos nas Corporações:

[...] Eles têm que pertencer a algum Complexo, ou pelo menos têm que ter sido criado em um deles. Esses organismos que estão criando são

sofisticados; não acho que gente da plebelândia fosse capaz de fazer isso. [...] (ATWOOD, 2018, p. 205)

E é esse grupo que Crake leva para o Complexo Rejoov, para trabalhar com ele no seu projeto Paradise. Quando Jimmy chega nesse complexo, levado por Crake, fica surpreso ao olhar os nomes escritos nos crachás daquelas pessoas, a princípio ele acha que Crake só havia tirado os nomes do Extinctathon, mas logo descobre que eles eram o Extinctathon:

- Então você os sequestrou ou o quê? – Isso não teria sido surpresa para Jimmy, já que era prática comum roubar cérebros, embora normalmente isso fosse feito entre países, não dentro deles.
- Eu simplesmente os convenci de que eles estariam muito felizes e seguros aqui do que lá fora.
- Mais seguros? Em território da Corps?
- Eu consegui documentos seguros para eles. A maioria concordou comigo, especialmente quando eu me ofereci para destruir suas ditas identidades verdadeiras e todos os registros de sua existência anterior.
- Eu achei que esses caras eram anticomplexos – disse Jimmy.
- O que MaddAddão estava fazendo era bastante hostil, pelo que você me mostrou.
- Eles eram anticomplexos. Ainda são, provavelmente. Mas depois da Segunda Guerra Mundial no século vinte, os Aliados convidaram diversos cientistas alemães para trabalharem com eles, e não me consta que algum tenha recusado. Quando o seu jogo termina, você sempre pode levar o teu tabuleiro de xadrez para outro lugar. (ATWOOD, 2018, p. 283)

O Projeto Paradise é o que Crake chama de “maquete” de uma nova espécie humana (ATWOOD, 2018, p. 285). Nessa nova espécie, todas as características que eram consideradas ruins, ou consideradas responsáveis pelos problemas da humanidade, tinham sido extinguidas. Não havia mais racismo, hierarquia, territorialismo; eles só comiam folhas, capim, raízes e frutas silvestres; e entravam no cio, em intervalos regulares. Mas essas novas pessoas podiam ser customizadas de acordo com as características desejadas pelos pais. A pílula BlyssPluss, já citada anteriormente, e o Projeto Paradise eram partes do mesmo programa, se complementavam, pois a reprodução humana aleatória seria substituída por um método considerado superior.

É nesse momento que Jimmy encontra Oryx, que trabalhava no projeto e convivia com a nova espécie em um tipo de mundo artificial. Ela os ensinava coisas que seriam importantes para sua sobrevivência. Crake havia mostrado a foto de Oryx ao Serviço de Atendimento ao Aluno, havia mostrado a sua figura,

que guardara do site que assistia com Jimmy na adolescência. Dessa forma, pôde obter exatamente o que queria.

Crake deixa algumas pistas das suas intenções de acabar com o sistema, mas Jimmy não soube interpretá-las:

Então, um dia no almoço, ele disse – se um dia, alguma coisa acontecer comigo, conto com você para cuidar do Projeto Paradise. Toda vez que eu me afastar daqui, quero que você fique responsável. Já dei ordem a esse respeito.

– O que você quer dizer com alguma coisa? – Jimmy disse. – O que poderia acontecer a você?

– Você sabe.

Jimmy achou que ele estava se referindo a sequestro, ou a um ataque por parte da oposição: esse era um risco constante, para os cérebros mais privilegiados dos Complexos. – Claro – ele disse –, mas em primeiro lugar a sua segurança é a melhor possível, e em segundo lugar tem gente aqui muito mais preparada do que eu. Eu não poderia dirigir um projeto desses, não tenho conhecimento necessário para isso.

– Essas pessoas são especialistas – disse Crake. – Eles não teriam a empatia para lidar com os modelos Paradise, eles não saberiam fazer isso, ficariam impacientes. Nem eu sei fazer isso. Não conseguiria entrar no comprimento da onda deles. Mas você é mais generalista.

– O que você quer dizer?

– Você tem uma grande capacidade para ficar sentado por aí sem fazer nada. Igualzinho a eles.

– Obrigado – disse Jimmy.

– Não, eu estou falando sério. Eu quero... eu ia querer que fosse você.

– E quanto a Oryx? – disse Jimmy. – Ela conhece os Crakers muito melhor do que eu. – Jimmy e Oryx diziam *Crakers*, mas Crake nunca usou esse termo.

– Se eu não estiver por aqui, Oryx também não estará – disse Crake.

– Ela irá cometer suicídio? Não me diga! Irá imolar-se na sua pira funerária? (ATWOOD, 2018, p. 301)

A pílula BlyssPluss era, na verdade, uma arma biológica. Porém, Crake havia imunizado Jimmy, sem que ele soubesse, pois o havia escolhido para cuidar da sua criação. Portanto, a destruição se dá não só dentro do sistema, mas também daquela parte que pode se dizer estar em uma situação muito superior às demais hierarquicamente. Isso fica explicitado na descrição que Jimmy dá sobre o Complexo RejoovenEsense, do qual Paradise era uma unidade:

Na manhã seguinte, Crake levou-o para uma visita preliminar ao Complexo RejoovenEsense no seu carrinho de golfe elétrico. Jimmy teve que admitir que ele era espetacular sob todos os aspectos. Tudo era impecavelmente limpo, ajardinado, ecologicamente rústico, e muito caro. O ar era livre de partículas, devido às diversas torres de purificação solares, dispostas em lugares discretos e disfarçados de arte moderna. Rochas reguladoras de temperatura garantiam o microclima, borboletas do tamanho de pratos voavam entre os arbustos

de cores vivas. Tudo isso fazia com que todos os outros Complexos em que Jimmy estivera, inclusive o Watson-Crick, parecessem pobres e antiquados. (ATWOOD, 2018, p. 275)

Assim como, a pessoa que destrói o sistema não é alguém que ainda busca reconhecimento. Crake estava trabalhando no que havia de melhor em termos de Complexo, e já era reconhecido como um gênio por onde passava:

– Estes são o que há de melhor – ele disse, cumprimentando à direita e à esquerda. Em retribuição, recebeu diversos sorrisos respeitosos e – isso não era fingimento – muita reverência. Jimmy nunca tinha tido muita clareza a respeito da posição exata de Crake, mas qualquer que fosse o seu cargo – ele tinha sido vago a respeito disso – ele era obviamente a formiga mais importante do formigueiro. (ATWOOD, 2018, p. 282)

Crake é alguém que decide pôr fim ao sistema e àquele tipo de pessoas que o sistema havia produzido, deixando uma espécie diferente, que não cometeria os mesmos erros com o planeta. Essa nova criatura havia sido projetada para viver em harmonia com o meio ambiente, uma vez que algo que fica claro na narrativa é a forma como o meio ambiente foi degradado, pois nos Complexos são necessárias torres para purificar o ar, por exemplo. Ainda, ao apresentar a pílula BlyssPluss, Crake comenta que os recursos naturais estão se esgotando (ATWOOD, 2018, p. 278).

Crake, como já argumentado, já havia deixado indícios das suas intenções, muito antes de chegar à posição que chegou, já estava pensando em todos os detalhes, inclusive para evitar que após a destruição houvesse a possibilidade de se restaurar o que havia sido destruído. Jimmy, agora como Homem das Neves, relembra uma dessas conversas:

– Vamos supor – disse Crake uma noite – que a civilização como nós a conhecemos seja destruída. Quer um pouco de pipoca?
 – Isso é manteiga de verdade? – disse Jimmy.
 – Só temos o melhor em Watson-Crick – disse Crake. – Uma vez destruída, ela nunca mais poderia ser reconstruída.
 – Por quê? Tem sal aí?
 – Por que todos os metais existentes na superfície já foram explorados – disse Crake. – Sem eles, nada de idade do ferro, do bronze, do aço e assim por diante. Tem metal mais no fundo da terra, mas a tecnologia necessária para extraí-lo teria sido destruída.
 – Ela poderia ser restaurada – disse Jimmy mastigando. Já fazia muito tempo que ele não comia uma pipoca tão boa. – Eles ainda teriam as instruções.

– Na verdade, não – disse Crake. – Não é como a roda, é complexo demais agora. Vamos supor que as instruções sobreviveram, vamos supor que sobraram pessoas com o conhecimento necessário para entendê-las. Essas pessoas seriam poucas e estariam separadas umas das outras, e não teriam as ferramentas. Então, depois que as pessoas morressem, seria o fim. Elas não teriam aprendizes nem sucessores. Quer uma cerveja?

– Está gelada?

– Tudo que é preciso é a eliminação de uma geração – disse Crake. – Uma geração de qualquer coisa. Besouros, árvores, micróbios, cientistas, falantes de francês, seja o que for. Quebrando o elo temporal entre uma geração e a seguinte, o jogo estará terminado. (ATWOOD, 2018, p. 211)

Quando Jimmy estava nos Complexos e seu conhecimento não tinha muito valor de troca, não servia para explorar e subjugar os demais; no mundo pós-apocalíptico, a situação muda. Embora ele fosse diferente, fosse uma pessoa mais voltada para as linguagens, e o próprio Crake, por esses motivos, achasse que ele fosse a única pessoa que saberia lidar com os crackers, como eram chamados por Oryx; no mundo pós-apocalíptico, ele pode usar o conhecimento que tem como moeda de troca. Portanto, a relação que Jimmy estabelece com os crackers, é uma relação de exploração.

Os crackers foram projetados para viver nesse mundo pós-apocalíptico; não sofrem com as temperaturas extremas, resultado da devastação do planeta; não sofrem com os insetos e os animais selvagens, criados nos complexos e soltos quanto o sistema colapsa; não sofrem com a escassez de alimentos, já que podem encontrar tudo na natureza. Já Jimmy, sem os recursos tecnológicos, com os quais estava acostumado, padece nesse ambiente que para ele é extremamente hostil. A moeda de troca que ele, agora como Homem das Neves dispõe, é a criação de uma mitologia para justificar a origem daquelas pessoas, que precisam de alguma forma dar sentido à sua existência. É dessa forma, explorando os crackers, que o Homem das Neves consegue obter o seu peixe semanal:

Se tudo tivesse acontecido do jeito que Crake queria, não haveria mais esse tipo de matança – não haveria mais predação humana –, mas ele não contava com o Homem das Neves e seus apetites animais. O Homem das Neves não poderia viver de mato. As pessoas jamais comeriam um peixe, mas têm que levar um peixe para ele toda semana porque ele disse a elas que Crake havia ordenado isso. Elas aceitaram a monstruosidade do Homem das Neves, elas sabiam desde o início que ele pertencia a uma espécie diferente, então não se surpreenderam com isso. (ATWOOD, 2018, p. 98, 99)

– Homem das Neves, por favor, fale-nos a respeito das façanhas de Crake.

Uma história é tudo o que eles querem em troca de cada peixe abatido. Bem, eu devo isso a eles, o Homem das Neves pensa. Deus da enrolação, não me abandone. (ATWOOD, 2018, p. 99, 100)

Portanto o que se percebe é que a destruição da cultura capitalista não é completa com a destruição do sistema. Ironicamente, a cultura capitalista persiste na relação que o Homem das Neves estabelece com os crakers, para que ele possa obter seu alimento. O que o Homem das Neves tem para dar, como moeda de troca pelo peixe que é pescado pelos homens e preparado pelas mulheres, é a fabricação, como ele mesmo chama, de uma mitologia e de um criador:

[...] O Crake que eles estão louvando é uma fabricação dele, uma fabricação que tem muito de vingança: Crake era contrário à noção de Deus, ou de deuses de qualquer tipo, e sem dúvida ficaria aborrecido com o espetáculo da sua própria deificação. (ATWOOD, 2018, p. 101)

Como os crakers haviam sido projetados com uma forma de pensamento muito simples, e ainda eram como “páginas em branco, ele poderia escrever o que quisesse nelas” (ATWOOD, 2018, p. 315), o Homem das Neves fabrica explicações que possam ser compreendidas pelas mentes dos crakers. Porém ele percebe que está fabricando uma história que favorece o reconhecimento de Crake, e isso o aborrece:

Se estivesse ali. Mas não está, e é irritante para o Homem das Neves escutar toda aquela bajulação deslocada. Por que eles não glorificam o Homem das Neves? O bom e amável Homem das Neves, que merece ser glorificado – merece muito mais – pois quem foi que os salvou, que os levou para lá, que tem tomado conta deles esse tempo todo? Bem, tomado conta de certa forma. Com toda a certeza não foi Crake. Por que o Homem das Neves não pode revisar a mitologia? *Agradeçam a mim, não a ele! Acariciem meu ego e não o dele!* (ATWOOD, 2018, p. 101)

O desejo pelo reconhecimento é algo que nesse espaço pós-apocalíptico aparece com força no Homem das Neves, agora é o seu momento de concretizar esse desejo, que antes estava inviabilizado para ele, mesmo que ele tenha que se contentar em dividir esse reconhecimento com Oryx e Crake:

No início ele tinha improvisado, mas agora eles estão exigindo dogmas: ele iria desviar-se da ortodoxia por sua conta e risco. Talvez ele não perdesse a vida – aquelas pessoas não são violentas nem inclinadas a atos sanguinários de vingança, pelo menos não até agora –, mas ele perderia sua plateia. Eles virariam as costas para ele, se afastariam. Ele agora é o profeta de Crake, goste ou não disso; e o profeta de Oryx também. É isso ou nada. E ele não suportaria ser nada, saber que não era nada. Ele precisava ser ouvido, precisava de atenção. Precisa ter pelo menos a ilusão de ser compreendido. (ATWOOD, 2018, p. 101, 102)

Embora exista essa questão de dividir as atenções, é somente o Homem das Neves que está ali para explicar o mundo, Oryx e Crake não estão presentes de forma concreta. Ainda, como Oryx e Crake são uma fabricação que pode ser manipulada por quem os está fabricando, não deixa de existir uma relação de poder que pode ser muito proveitosa, como de fato vai se mostrar ser, pois o Homem das Neves consegue tirar proveito da situação.

Na obra percebe-se a construção de uma narrativa para fins de exploração nesse espaço pós-apocalíptico. Historicamente sabe-se que seja na época da teoria do direito divino, ou seja, na época da teoria do direito natural, sempre houve uma justificativa para se sustentar os modelos de produção. Ou porque o direito de governar vinha de Deus, ou porque a riqueza é um merecimento. Mesmo na periferia do capitalismo, quando ainda havia escravidão, a narrativa da igreja justificava tal prática, pois dizia que pessoas escravizadas não tinham alma. O que mudou no capitalismo, é que esse sistema sempre buscou dar um viés científico para suas narrativas, porque uma narrativa baseada somente em mitos religiosos não se sustentaria em um momento de grande avanço científico e tecnológico. Ainda, muitas ideologias ganharam status de ciência se constituindo como nada além de “um discurso sobre o espaço” (LEFEBVRE, 2000, p. 73). Dessa forma, percebe-se como as classes dominantes sempre tiveram a facilidade de manipular os conceitos para justificarem a forma como os espaços estão conformados, como é o caso da fabricação de um aparato conceitual que mudou o conceito de uma sociedade baseada na divisão de classes em benefício do conceito de uma sociedade meritocrática, no neoliberalismo. Marx já apontava para o fato de as ideias daqueles que dominam enquanto classe serem as ideias dominantes. (MARX, 1999, p. 62)

Porém, nesse espaço pós-apocalíptico, em que a tecnologia e a ciência não estão mais presentes, foram destruídas, a narrativa construída para explorar os corpos volta a ser uma narrativa baseada em mitos. O Homem das Neves é alguém que vai saber manipular isso muito bem, mostrando que Crake ter lhe escolhido, para tomar conta da sua criação, acreditando que o sistema capitalista seria aniquilado, teria sido um erro de cálculo. Afinal é Jimmy, agora Homem das Neves, quem tem o conhecimento e habilidades necessárias para construir uma narrativa mitológica que justifique a exploração dos crakers, revertendo a sua antiga posição distópica para uma posição atual utópica.

Se o reconhecimento havia sido inviabilizado para Jimmy, para o Homem das Neves, nesse mundo, se torna possível. O Homem das Neves pode se atribuir o papel que desejar nessa mitologia que está sendo fabricada. Ao se ausentar para uma expedição em busca de suprimentos e objetos que possam lhe ser úteis, ele acaba demorando mais que o previsto. Preocupado com o que os crakers poderiam estar pensando da sua demora, ele planeja suas explicações e uma justificativa para explorar aquelas pessoas ainda mais:

Vai ter que inventar umas mentiras a respeito disso. Como estava Crake? Eu não pude vê-lo, ele estava dentro de uma moita. Uma moita em chamas, por que não? Era melhor não ser muito específico. Mas ele deu algumas ordens: eu devo passar a receber dois peixes por semana – não, três – e raízes e frutas silvestres. Talvez devesse acrescentar algas marinhas. Eles vão saber de que tipo. E também caranguejos não os caranguejos de terra, os outros. Vai mandar que eles os tragam cozidos, uma dúzia de cada vez. Com certeza não é pedir muito. (ATWOOD, 2018, p. 335)

Contudo, os crakers já estavam começando a criar os seus próprios mitos, em que o Homem das Neves já era reconhecido como uma espécie de deidade, pois, ao retornar, ele se depara com uma imagem sua e com os crakers a volta dessa imagem fazendo uma espécie de culto para que ele retornasse: “– Agora que você esteve no céu, é quase igual a Crake.” (ATWOOD, 2018, p. 337) Sendo assim, o que se percebe é o fracasso de Crake na destruição completa do sistema que estava estabelecido naquela sociedade. Ironicamente a relação de exploração se mantém com a presença daquele que o próprio Crake nomeou para tomar conta da sua criação, e é esse escolhido que não deixa o sistema ser destruído completamente. E, se havia alguma incerteza quanto ao fato de o neoliberalismo uniformizar a sociedade de tal forma, que o último homem seria

alguém que não teria o desejo de se sentir reconhecido como diferente dos demais, a representação que aparece no livro aponta para outra direção. Ainda, esse desejo por reconhecimento está ligado a exploração, pois é só assim que o último homem de *Oryx e Crake* consegue o que deseja. Crake havia desativado qualquer mecanismo ou conexão neural que ativasse desejos ou sentimentos de dominação, hierarquia ou disputa (ATWOOD, 2018, p. 287); mas o Homem das Neves está naquele espaço, como um empecilho para que uma sociedade socialista se concretize.

4. Considerações finais

Onde Deus está, o Homem não está.

Há duas luas, a que você pode ver e a que não pode.

Du musst dein Leben andern.

Nós compreendemos mais do que podemos imaginar.

Penso, logo.

Permanecer humano é romper uma limitação.

O sonho espreita sua presa de dentro da toca. (ATWOOD, 2018).

A democracia no capitalismo sempre foi algo questionável, porém, no seu atual estágio, de deslocamento, já existe o consenso de que ele está se tornando um sistema assumidamente antidemocrático. Aldous Huxley já questionava a democracia dentro do sistema capitalista representando a sociedade em *Admirável Mundo Novo* como uma sociedade capitalista totalitária e distópica. O modelo Keynesiano adotado ao tempo dessa obra, é algo inimaginável no estágio atual do sistema. Mesmo a crise econômica e sanitária pela qual o mundo passa, não dá condições para que algo parecido com uma política de pleno emprego seja implementada, pois o sistema se articulou para que algo nesses moldes não seja sequer cogitado. Com o capitalismo global, o papel do Estado é fazer o ajuste das superestruturas ao sistema que se tornou uma estrutura política financeira e jurídica. O projeto neoliberal foi uma saída para restaurar o poder de classe fragilizado pelo contrato social estabelecido pelas políticas Keynesianas, no qual as classes trabalhadoras tinham uma fatia maior do bolo econômico. Com o gigantismo corporativo, desencadeado com o projeto neoliberal, o que está em crise é o pouco que restou do mercado herdado pelo capitalismo das nações. Quando se ouve falar em reformas tributárias, é preciso entender que elas não alcançam as grandes corporações, que estão mais fortalecidas do que nunca, já que ficam de fora da regulação. Os atingidos são as pequenas burguesias nacionais, uma vez que a grande burguesia se transferiu para o mercado financeiro, desviando recursos da produção. Quem vai para o sacrifício é a parcela que ainda produz alguma coisa. Para Dowbor:

[...] Com isso, para a sobrevivência de um governo, passa a ser fundamental não quanto ele responde aos interesses da população que o elegeu, e sim se o mercado – ou seja, essencialmente, os interesses financeiros – sente-se suficientemente satisfeito para declará-lo “confiável”. De certa forma, em vez de república, ou seja, *res publica*, coisa pública, passamos a ter uma *res mercatori*, coisa do mercado. [...] (DOWBOR, 2020, p. 90, grifo do autor)

Como esse sistema sempre construiu justificativas para naturalizar a distopia que está na sua essência, no atual estágio não é diferente; porém, a narrativa de apropriação baseada no rentismo e em um fator de produção imaterial dificulta a naturalização da distopia. No curso do capitalismo das nações, o sistema se justificava ao se autoatribuir o desenvolvimento das nações, pois era com o excedente social (exploração) extraído da produção que se criavam novos empregos, produtos e tributos para o Estado cumprir as suas políticas sociais. Ao passo que se naturalizar um capitalismo improdutivo, em que parasitas se apropriam do excedente social, sem dar o devido retorno na forma de empregos e tributos para que ações sejam implementadas, faz com que seja cada vez mais necessária uma postura descaradamente antidemocrática:

Para o novo modo de produção que surge, mais importante do que controlar os meios de produção tradicionais é controlar o fluxo financeiro e os meios de comunicação, e de informação da população, apropriar-se do mecanismo de mudança das leis por meio do controle dos parlamentos e dos sistemas judiciários, comprar universidades e instituições de pesquisa e tudo que se refere ao conhecimento, gerar plataformas de informação e comunicação que entregue o controle sobre a própria intimidade das pessoas. [...] (DOWBOR, 2020, p. 98)

O controle da opinião via meios de comunicação, plataformas digitais e lugares onde se produz conhecimento é o que pode garantir a naturalização da distopia na atual configuração que o sistema apresenta, além de vigiar os corpos dissidentes, de uma forma nunca antes vista, a exemplo do que acontece em *Oryx e Crake*. Não há controle sobre a quantidade de informações coletadas e para que exatamente são utilizadas; o que se tem certeza é da relação desigual a que os usuários de plataformas estão submetidos, não sabendo em que momento toda essa vigilância pode se voltar contra eles. Com os avanços da tecnologia da informação “os dissidentes” podem ser detectados antes de

criarem ameaças ao sistema. Dessa forma, pode-se criar a legitimação dos sistema e conseqüentemente, a naturalização da distopia que ele produz. Vale lembrar da onda de nacionalismo que vem definindo eleições por todo o globo, e do quanto o projeto de nação está associado a projetos políticos e econômicos, que por sua vez definem quem é considerado cidadão e quem não é. Mas algo que salta aos olhos em alguns casos, é que esse projeto político e econômico tem cada vez mais tido a necessidade de se apoiar em aparelhos repressivos do Estado, se tornando militarizado.

Além da incompatibilidade entre poderes políticos fragmentados em vários Estados nacionais e um sistema econômico e financeiro global, há a mudança nas forças produtivas, cujo principal fator de produção é o conhecimento. A apropriação pelas corporações de um fator de produção que é imaterial passa a ser um impedimento para que o conhecimento seja socializado. Não se trata somente do absurdo de se aplicar a mesma lógica de um fator de produção material a um fator de produção imaterial. Trata-se de uma apropriação duplamente indevida, pois todo e qualquer conhecimento, que possa ser apropriado pelos gigantes corporativos, tem as suas bases em séculos de construção de conhecimento, que foram deixados de herança para o desenvolvimento de toda a humanidade; ainda, os meios usados para fazer essa apropriação são os recursos financeiros extraídos do rentismo, que sacrifica aqueles que produzem e trabalham e drena os cofres públicos para uma minoria. Sendo assim, trata-se de um sistema cuja falta de legitimidade faz com que a alternativa seja se tornar opressivo. Esses deslocamentos não permitem que o sistema capitalista mantenha a farsa que o sustentou durante tanto tempo, de ser um sistema democrático.

O espaço social, como um produto social, implica para Lefebvre (2000), que cada sociedade produz o seu espaço social, e que mudanças nas forças produtivas implicam mudanças no espaço. Portanto, o produto social de uma sociedade capitalista distópica, cujo modelo de produção é distópico, é um espaço distópico. Mesmo que essa sociedade tenha construído uma narrativa que se justifique, a distopia está lá, porque o capitalismo materializa a sua distopia no espaço social. O que se pode dizer a partir da narrativa de Atwood (2018) é que quando se faz necessário lançar mão da opressão, pela debilidade de uma justificativa para a configuração do sistema, aprofunda-se a distopia no

sistema e nos espaços produzidos por ele. Não é por acaso, na conjuntura atual, tenha se tornado recorrente o ataque às ideologias que contrariem o sistema, e que esteja se travando uma guerra para que essas ideologias sejam destruídas, o que por si só já é ideológico, passando a ser uma ideologia que se sustenta a partir da ideia de que não existe. Um sistema que não pode ganhar a discussão no campo ideológico, mas não quer ser extinguido, tende a se tornar antidemocrático.

E como se percebe na narrativa, os espaços não são somente desiguais, eles são segregados, mesmo que utopia e distopia coexistam, a estrutura do sistema, e portanto, dos espaços, é coercitiva. Para Lefebvre:

Mais geralmente, o que se denomina “ideologia”, só adquire consistência intervindo no espaço social, na sua produção, para aí ganhar corpo. Em si, ela não consistiria sobre tudo num discurso sobre esse espaço? (LEFEBVRE, 2000 , p. 73).

O que pode se dizer dos espaços distópicos em *Oryx* e *Crake* é que a ideologia foi internalizada, tornando-se algo orgânico, assim como o sistema. Pois a percepção que os que vivem a utopia no mundo dos complexos têm do mundo e dos que vivem a distopia na periferia é mediada pela tecnologia. O que naturaliza os espaços distópicos é a tecnologia, que desde a consolidação do sistema vem sendo fundamental para sua reprodução. Paul Virilio (1996) alertou, em seu texto já mencionado, sobre o impacto da tecnologia no humano. Uma tecnologia que modifica comportamentos, pois os corpos ajustam os seus ritmos vitais a ela, para poderem se adaptar ao sistema e as suas exigências. As pessoas que habitam os complexos não conseguem perceber a própria distopia que é ajustar a sua vida, a sua linguagem, a sua energia vital à tecnologia. Não é novidade que as classes dominantes sempre conseguiram construir ideologias para justificar o espaço, lhe conferindo um status democrático. Porém, com o deslocamento no sistema, a naturalização da distopia precisa mais do que uma narrativa sobre o espaço, é preciso que o sistema tenha muito bem consolidada a colonização da infraestrutura.

No texto de Dowbor (2020), o autor aponta saídas para a disfuncionalidade apresentada pelo sistema capitalista: a socialização de um fator de produção imaterial e de custo marginal zero e a desapropriação do

excedente social drenado pelo rentismo. Isso traz duas implicações, a primeira é que mesmo aqueles que assumem o fato de o sistema estar se encaminhando para uma versão antidemocrática, não defendem que é chegada a hora de se pensar em uma nova ordem. A segunda é que o capitalismo não tem antecedente no processo histórico, que aponte para essa possibilidade como algo possível, sendo que desde o princípio o capitalismo apresenta uma forte conexão com a distopia, pois está na sua essência ser um modelo de produção distópico. Quanto à primeira implicação, não se pode deixar de pensar no dilema apontado por Jameson (2001), ou seja, como esse sistema se tornou algo orgânico de forma que não se consegue imaginar uma saída que não seja o próprio sistema capitalista, de forma que a busca é pela sua restauração e não pela sua superação. É isso que está por trás do discurso de Fukuyama (1992), a ideia de que não existe saída desse sistema, pois nada que o substitua poderia ser melhor. Quanto a segunda implicação, o fato de o deslocamento atual do capitalismo o estar tornando assumidamente antidemocrático, portanto em uma versão mais distópica, aponta para como o mesmo sistema que fabrica um espaço distópico, em contrapartida, fabrica um espaço utópico, pois a ideia de que esse sistema pode ser restaurado pode ser vista como uma utopia. Dessa forma, utopia e distopia coexistem no mesmo espaço.

Isso não quer dizer que aqui se esteja afirmando que os espaços que estão sendo fabricados pelas mudanças nas forças produtivas serão como os representados na narrativa de Atwood (2018). Porém, mesmo que se olhe para o nosso contexto histórico e não se veja espaços equivalentes aos representados na obra, percebe-se que os espaços representados têm uma forte relação com a realidade, são espaços, que dado o deslocamento do sistema, são possíveis de serem fabricados. É um mundo que ainda não existe, mas que pode vir a existir. Ainda, a forma como ironicamente esse sistema de exploração não se extingue, com a destruição da sociedade de Complexos de *Oryx e Crake*, aponta para a incapacidade de se pensar em outra forma de se viver, pois se é nesse dilema que se está preso, a obra representa essa realidade.

Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: estudos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 378p.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, [1980?]. 121 p. *E-book*. Disponível em: <<https://politica210.files.wordpress.com/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhos-ideolc3b3gicos-do-estado.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. Tradução: Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. 350p.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia**: a natural History. United Kingdon: Oxford, 2017. 569p.

DOS SANTOS, Theotônio. **A teoria da dependência**: balanço e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2000. 193p.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Sesc, 2020. 196p.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Tradução: Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. 489p.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008. *E-book*. Disponível em: <<https://www.uc.pt/feuc/citcoimbra/Harvey2008>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n.2, p.201-215, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 25 out. 2020.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. Tradução: Luciano Costa Neto. 3.ed. São Paulo: Paz e terra, 1982. 339p. *E-book*. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/sociologia/era_capital.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014. 314p.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Tradução: Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001. 207p.

_____. **Archaeologies of the future**: the desire called utopia and other Science fictions. London: Verso, 2005. 448p.

_____. **A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997. *E-book*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2918898/mod_resource/content/1/516_13_apoio_JAMESON_a%20logica%20cultural%20do%20capitalismo%20tardio_pos%20modernismo.pdf>. Acesso em: 28 ago.2020.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. 476p. *E-book*. Disponível em: <https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefevre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Fonte Digital, RocketEdition, 1999. 153p. *E-book*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ideologiaalema.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008. 312p. *E-book*. Disponível em: <[file:///C:/Users/carim/Downloads/20240-Texto%20do%20artigo-155685-1-10-20161223%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/carim/Downloads/20240-Texto%20do%20artigo-155685-1-10-20161223%20(1).pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução: Isa Tavares. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 125p.

MONASTERIO, Leonardo M. FHC errou? A economia da escravidão no Brasil meridional. *In*: Anais do XXXI Encontro Nacional de Economia, ANPEC – Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, 2003, Niterói. **Anais eletrônicos** [...]. Niterói: ANPEC, 2003. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2003/artigos/A40.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MORE, Thomas. **Utopia**. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUC, 2008. 239p.

VIRÍLIO, Paul. **A arte do motor**. Tradução: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p.

Wacquant, Loïc. **As prisões da miséria**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 121p. *E-book*. Disponível em: <http://files.femadireito102.webnode.com.br/200000039-62f056357d/As%20Prisoos_da_Miseria%20Loic_Wacquant.pdf?fbclid=IwAR3w_IACt nye3dfT61vJXoYq1RNeVtE7IGbMdcZIUDWnAQacTxnzKRoEdIY>. Acesso em: 28 fev. 2020.